

LT 102

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPTO DE LETRAS MODERNAS

Estudo Comparativo Fonológico das Variantes do Emakhuwa:
Implicações Ortográficas.

Dissertação Para a Obtenção do Grau de Licenciatura

ANÍBAL VICTORINO

MAPUTO, UEM, 1995

LT-102

ESTUDO COMPARATIVO FONOLÓGICO DAS VARIANTES DO EMAKHUWA: Implicações Ortográficas.

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para o grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane.

POR

Anibal Victorino

Departamento de Letras Modernas
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane
Maputo, Moçambique

Supervisor: dr. William Gardner

Maputo, Junho de 1995

81'344 = 432.99
√ 646 e

C. LETRAS U. E. M.	
R. E.	24316
DATA	4 Outubro 1996
AQUISIÇÃO	Letras
COTA	LT-102

Dedicatória

À minha falecida irmã Carina Victorino, que acompanhou amavelmente o evoluir dos meus estudos em todos os ensinos primário e secundário e, no ano em que ia a iniciar o ensino médio, de súbito partiu eternamente deixando-me só em férias, sem graça, de Janeiro de 1987.

Que Allah a proteja!

Declaração

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau acadêmico, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicados no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Resumo

Com o presente estudo pretendemos trazer à superfície as variações fonológicas, a nível segmental, com maior enfoque para os sistemas consonânticos das variantes. Para o efeito, tencionamos a) identificar os fonemas de cada variante e, b) pela verificação de como se correspondem, c) analisar o grau e a importância das variações com vista ao d) estabelecimento de uma matriz comum da língua, capaz de simbolizar uma ortografia, também, comum.

Para a realização do mesmo, escolhemos quatro variantes da língua Makua, a saber, emakhuwa, enahara, elomwe e emarrevoni. Para cada uma das variantes, trabalhamos com dois informantes para a transcrição e gravação de dados linguísticos.

A estrutura do nosso estudo compreende cinco capítulos, nomeadamente, uma introdução que corresponde ao Capítulo I, no qual, apresentamos o tema, sua delimitação e motivações, e a localização da língua Makua; a revisão bibliográfica que incide mais para as noções e conceitos teóricos relevantes para o presente estudo encontra-se no Capítulo II; no Capítulo III está exposta a metodologia utilizada no presente estudo; o Capítulo IV corresponde à análise de dados e, finalmente, as conclusões e algumas recomendações encontram-se no Capítulo V.

Agradecimentos

Gostaria de expressar aqui a minha gratidão a todos aqueles que, directa ou indirectamente, e de formas múltiplas, tudo fizeram para que o presente estudo fosse uma realidade.

Ao dr. William Gardner, meu supervisor e professor do curso, pelo investimento do seu tempo e saber e apoio material que tornaram possível a realização do presente estudo. Ainda, expressei-lhe minha gratidão imensurável pela sensibilidade que teve sobre as razões das inconveniências sistemáticas que lhe provoquei em tempos de supervisão e, mesmo assim, recebia-me, de forma desinteressada, com um aspecto regularmente simpático, o que me dava moral e coragem de sempre progredir.

Ao dr. Marcelino Liphola, ainda que se tivesse ausentado no início do âmago da análise de dados, pelos "input" de princípios de análise fonológica que me deu.

Ao dr. Bento Siteo, meu tutor no sector de línguas bantu, pelo apoio material (gravador e computador) e pela atenção que sempre prestou, com moral e encorajamento, desde o princípio deste estudo.

Ao dr. Carlos Manuel, pelas críticas, reparos linguísticos, a nível da coesão e coerência, e outros. Além disso, a moral e animação que sempre estiveram na ponta.

Ao Francisco Ussene Mucanheia (Yankhanyea), meu amigo e colega do curso, pelas críticas, reparos linguísticos e apoio técnico, especificamente, arranjos gráficos da capa, impressão e encadernação.

Ao dr. Armindo S. A. Ngunga, meu professor do curso e amigo, pelos conselhos e ensinamentos multifacetados. Pela honra de amizade torno realidade, com o presente estudo, a sua proposta.

Ao dr. Gregório Firmino , drã. Albertina Chuachuwaio e dr. Aurélio Zacarias Simango (meu amigo) , pelos conselhos em busca da relevância do conteúdo a abordar e pelas simpatias que lhes padeço.

Ao dr. Dionísio Cherewa, pelo acompanhamento de todo o processo do evoluir deste estudo, apoios material, moral.

À drã. Rosa Amélia Martins, minha querida professora de língua portuguesa na UEM, pela ajuda moral e coragem que sempre me deu desde o ano do meu ingresso no curso de Linguística. A sua simpatia interminável pela minha pessoa fica na memória deste estudo.

Ao dr. Ermelindo José Chapala, meu amigo de infância e colega de quarto no Self, pelo apoio moral e material e pelo desinteresse das insónias que sempre lhe causei com a luz acesa e os meus movimentos, a altas noites.

À Helena Aurélio Zita, minha namorada e amiga, por ter entendido aquela outra fase da minha existência, sem sarilhos nem frustrações, aceitando dar aos livros o lugar dela.

Ao Américo José Chapala, meu primo e amigo, pelo acompanhamento, e apoio ao presente estudo, que sempre prestou a todo o meu processo estudantil na UEM.

Ao senhor Pedro Afido, leitor de língua Makua, ao Vasco Mepula, ao Paulino Nhamuente pelo apoio material e moral.

À todos que, em vida, foram os meus professores, especialmente, os do curso de Linguística.

À todos os meus colegas da turma do 5º ano do ano lectivo 1994/1995.

Aos meus amigos e colegas: Silvério Agostinho, Adelino Serage, Ana da Graça Simione, Elias Julião Marques, Paulo Beirão, António Victor, Barumo Abdala, Paulito A. Coutinho, Figueiredo Remessa e Luis José Chapala.

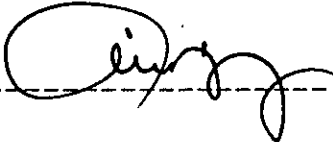
Manuel Trinta, leitor de língua Makua da UEM, malgrado quando as ideias no presente volume eram uma miríade no fundo do túnel, fica em memória do presente estudo.

Aos meus informantes: Maximino, Firmino, Natraca, Abacar, França, Ruhusa, Paulito Ângelo, Saide.

Aos meus familiares, em especial, Francisco Mmisso, que está aqui em Maputo comigo, e Mendes Heleliwa. Aos meus pais, Victorino Alberto e Adelaide C. Heleliwa, e irmãos, os meus professores de sempre, pelos desáfiros que enfrentaram para alcançar este objectivo único, a minha educação e aprendizagem, e pelo acompanhamento dos meus estudos, sobretudo, no ensino universitário que se caracterizou por calma, amor e encorajamento.

Por último, a todos aqueles que se julgam com o direito de aqui serem mencionados.

Anibal Victorino



Listas de Figuras, Quadros e Tabelas

- 2.1. Figura 1: O modelo da Gramática Generativapág 23
- 4.2. Quadro 1: Correspondência Inter-Variantes de Seg...pág 50
- 4.2.2. Quadro 2: Correspondência de Seg. Especiais.....pág 56
- 4.2.2. Figura 2: Segmentos dos Pontos de Intersecção....pág 59
- 4.6. Figura 3: Matriz Fonológica da Língua Makua.....pág 79

ANEXOS

- Tabela 1: Sistema Fonético das consoantes de Emakhuwa...pág 87
- Tabela 1.1: sistema Fonético das Vogais de Emakhuwa....pág 87
- Tabela 2.: Sistema Fonético das Consoantes de Enahara...pág 92
- Tabela 2.1: Sistema Fonético das Vogais de Enahara.....pág 92
- Tabela 3: sistema Fonético das Consoantes de Elomwe.....pág 96
- Tabela 3.1: Sistema Fonético das Vogais de Elomwe.....pág 96
- Tabela 4: Sistema Fonético das Consoantes de Emarrevoni.pág 99
- Tabela 4.1: Sistema Fonético das Vogais de Emarrevoni...pág 99



Sumário

AGRADECIMENTOS

RESUMO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação e Antecedentes do Tema	12
1.2. Identificação do Tema	15
1.3. Localização da Língua Makua	17

CAPÍTULO II - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Modelo Geral da Fonologia Generativa	21
2.1.1. Fonologia Segmental e Auto-segmental	24
2.2. Fonética e Fonologia	26
2.2.1. O Fonema	27
2.2.2. Para uma Identificação do Fonema	29
2.3. Níveis de Representação	31
2.4. Os Traços Distintivos	32
2.5. Os Processos Fonológicos	39

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

3.1. Evidências de Corpus-Interno	42
3.2. Estabelecimento da Variante e o Centro da Comunidade Linguística	43
3.3. Seleção da Amostra	44
3.3.1. Informantes e Recolha de Dados	44
3.4. Método de Análise de Dados	46

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS

4.1. Comentário Sobre os Quadros Fonéticos	49
4.2. Correspondências Inter-Variantes de Segmentos	50
4.2.1. Correspondências de Segmentos Regulares	52
4.2.2. Correspondências Inter-Variantes de Segmentos Especiais	53
4.3. Sobre a Variação Contextual	64
4.3.1. Da Nasal Silábica e Flutuante	64
4.3.2. Das Semi-vogais e Vogais	69
4.4. A Glide e a Sequência de Vogais	72
4.5. A Duração Vocálica na Língua Makua	77
4.6. Matriz Fonológica da Língua Makua	79

CAPÍTULO V - CONCLUSÕES

5. Conclusões	80
---------------------	----

BIBLIOGRAFIA	84
--------------------	----

ANEXOS I - Identificação dos Fonemas das Variantes	90
--	----

ANEXOS II - Transcrição Fonética dos Dados Linguísticos ..	105
--	-----

CAPÍTULO I.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação e Antecedentes do Tema.

O tema "Estudo Comparativo Fonológico das Variantes do Emakhuwa: Implicações Ortográficas" é de natureza analítico-descritiva, e pretende trazer à tona as variações fonológicas, a nível segmental, tendo como fulcro principal os sistemas consonânticos. Ele pretende identificar os fonemas de cada variante e, pela verificação de como se correspondem, analisar o grau e a importância das variações com vista ao estabelecimento de matriz comum da língua, capaz de simbolizar uma ortografia, também, comum.

As nossas limitações de vária ordem fizeram com que o universo das variantes de comparação se reduzisse ao número de quatro, a saber, emakhuwa, enahara, elomwe e emarrevoni. Nenhuma destas variantes é concebida como ponta de mira, pois, o tratamento é ao mesmo nível e os resultados obtidos são uma reconstituição de um sistema fonológico de língua comum, da qual, as variantes se aparentam.

Segundo Guthrie (1967-1971), o Grupo Makua (P_{30}) é constituído por quatro línguas autónomas, mas aparentadas, dadas as similaridades que elas manifestam. As línguas por ele identificadas naquele grupo foram Makua (P_{31}), Lomwe (P_{32}), Cuabo⁽¹⁾ (P_{33}) e Ngulo (P_{34}). É de esperar que cada uma destas línguas possa desenvolver-se sozinha e ter suas variantes.

¹. Actualmente, a forma ortográfica do nome desta língua é "Chuwabo".

Entretanto, as literaturas específicas actuais e alguns círculos intelectuais tendem a considerar o elomwe como variante do emakhuwa, tratamento que também se faz em relação às outras variantes faladas na província de Nampula, mesmo estando-se consciente da existência de diferenças. No caso de emakhuwa e elomwe, afirma-se que ambos os falares vêm de um idioma comum, e que as diferenças actuais são devidas às influências exógenas e a dinâmicas endógenas (cf. Medeiros, 1987). Tanto emakhuwa como elomwe formam um conjunto de variantes de uma mesma língua, porque existe um grau de intercompreensão (cf. Katupha, 1985).

Há maior aproximação entre makua e lomwe do que entre makua e koti (língua de Angoche) (cf. Prata, 1967).

Perante estas afirmações, julgamos ser importante levar a cabo uma investigação sobre a matéria, que ajude a determinar o grau de intercompreensão entre as variantes estabelecidas, a ponto de se verificar se elas de facto pertencem ou não a uma mesma língua. Pois, "É bastante raro que uma língua tenha um grupo uniforme de fonemas e um meio uniforme de pronunciar palavras em toda a sua extensão geográfica.(...) Na formulação de um sistema prático de grafia, e existência de grupos de dialectos coloca-se o problema da determinação de base de comparação."(2) Daí que, nós pensamos que um trabalho com dados, abrangendo um número significativo de variantes, possa ser um começo para esse fim.

A intercompreensão que nós precisamos entender limita-se a nível fonológico, embora reconheçamos que o assunto pode ser

2. DEMBETEMBE, N. "A Elaboração de uma língua Escrita: O Contraste entre o Alfabeto e a Ortografia" IN INDE- UEM/NELIMO. Seminário Sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas, 1989: pág. 145.

tratado sob outros pontos de vista da gramática, a saber, semântica e sintáctica, e/ou sociolinguisticamente.

Se deixarmos a parte os estudos realizados sobre as variantes faladas no exterior do país, podemos dizer que trabalhos sérios sobre esta língua são apenas os de Katupha sobre o esaaka. Um trabalho idêntico ao presente parece não existir, embora Katupha (1983)⁽³⁾ tenha feito uma comparação de várias propostas dos alfabetos de cada variante estabelecidos por missionários.

Julgamos que este estudo poderá ser o início de uma contribuição com clareza na definição de uma política linguística no país, sobretudo, no âmbito de quantos falares são profundamente distintos e quais podem ser heterónimos na planificação e elaboração do material de ensino.

Conforme os resultados em vista na nossa investigação, ser-se-á capaz de contar com um ensino de makua com uma ortografia "neutra", se, no entanto, estudos do género vierem a ser desenvolvidos para o resto das variantes, o que pode permitir o desenvolvimento harmonioso da própria língua e a promoção de programas de ensino e alfabetização utilizando uma única escrita. Para além disso, o estudo surge como uma contribuição para a preservação do património cultural do país. E, ainda, pode conscientizar os professores desta língua sobre os aspectos da variação fonológica a ter em conta durante o processo de ensino.

O presente estudo compreende a seguinte estrutura: Capítulo I: Introdução, cujos pontos são: Apresentação e os Antecedentes do Tema, Identificação do Tema e Localização da Língua Makua.

³. In HARRIES, Patrick (1988). The Roots of Ethnicity in African Affairs.

Capítulo II: Revisão Bibliográfica cujo enfoque vai para as noções e conceitos básicos na área da fonologia, nomeadamente, Modelo da Gramática Generativa, Fonética e Fonologia, Fonema, Níveis de Representação, Processos Fonológicos, Para Uma Identificação do Fonema e Traços Distintivos de Chomsky e Halle (1968).

Capítulo III: Metodologia de Pesquisa com os seguintes pontos: 'Evidência de Corpus-Interno', Estabelecimento da Variante e o Centro da Comunidade Linguística, Informantes e Recolha de Dados e Método de Análise de Dados.

Capítulo IV: Análise de Dados. Decompõe-se em seis pontos principais, nomeadamente, Comentário dos Quadros Fonéticos, Correspondência Inter-Variantes de Segmentos, Sobre a Variação Contextual, A Glide e Sequência das Vogais, Duração Vocálica e Matriz da Língua Makua

Capítulo V: Conclusões e Recomendações

Finalmente, temos a Bibliografia e os Anexos.

1.2. Identificação do Tema

A língua makua, incluindo as suas variantes, ocupa uma grande extensão no território moçambicano, e, por sinal é a língua, de entre as bantu, com maior número de falantes no país.

As oito variantes (emakhuwa, enahara, exirima, emarrevoni, elomwe, emeetto, esaaka e esangagi) actualmente identificadas no 1º seminário sobre a padronização da ortografia das línguas moçambicanas constituem um complexo que, de uma observação empírica, pode suscitar dúvidas quanto à sua intercompreensão.

Tendências actuais conducentes ao fundamento da unificação destes falares, por via do argumento 'mútua inteligibilidade', têm, em nossa opinião, bases emocionais, empírico-dedutivas e políticas, porque carecem, assim, de um trabalho de investigação de campo, sobre a matéria, capaz de esclarecer cientificamente a realidade dos factos no terreno.

O facto de estas variantes terem sido estudadas e escritas separadamente por missionários, para fins de assimilação dos ensinamentos das igrejas aos indígenas e a salvaguarda da política de colonização⁽⁴⁾, leva a crer que desenvolveram traços linguísticos distintos de menor ou maior grau passíveis de influenciar negativamente a inteligibilidade mútua ora referida.

apud A gênese do trabalho que nos propomos executar funda-se no reconhecimento de que 'cada variante assume o mesmo estatuto ou funções que a outra na região em que é falada' (cf. Chambers e Trudgill, 1980) e, por isso, há que observar a emergência e evolução de traços fonológicos distintos capazes de modular de maneira específica a alofonia que pode influenciar o sistema de alfabeto e de ortografia, em geral. Isto ainda tem sentido se se considerar que os factores relacionados com a distância e as fronteiras, por vezes naturais, entre o centro de uma variante e outro permite o fraco contacto "face-to-face" entre os membros das subcomunidades linguísticas (variantes), o que dificulta qualquer tentativa de acomodação entre eles.

⁴. No prefácio do Padre José Vicente do Sacramento lê-se, "... não há auxiliar melhor, na missionação religiosa, do que o conhecimento da língua dos povos que missionamos, apanhando-lhes a alma para Deus, e o coração para a nossa pátria" in CASTRO, F. M. Apontamentos da Língua Emacua, Lourenço Marques, Imprensa Nacional, 1933.

Assim, tomando como matéria de comparação os sistemas consonânticos de emakhuwa, de enahara, de emarrevoni, de elomwe o nosso estudo referir-se-á às questões de variação fonológica, a nível segmental, cujo objectivo é identificar os fonemas da língua, analisar o grau e a importância das variações no estabelecimento de uma ortografia unificada.

1.3. Localização da Língua Makua⁵).

O núcleo central da língua makua encontra-se no norte de Moçambique, está na província de Nampula e algumas regiões das províncias de Cabo Delgado, Niassa e Zambézia, zonas onde se falam várias variantes de Makua.

A língua Makua é, pois, um conglomerado de várias variantes, algumas das quais com um designativo próprio, mais comum, distinto de makua.

Chama-se eMakhuwa a língua muito falada principalmente no Norte de Moçambique, nas províncias de Zambézia, Nampula, Cabo-Delgado e Niassa. Embora tenha os seus falantes dimensionados por vastas áreas de Moçambique e também em alguns países vizinhos, tem-se considerado que o seu núcleo central encontra-se na província de Nampula (Prata, 1967). A "centralidade da província de Nampula" e a não "existência de um outro grupo étnico (originário) que fala uma língua diferente de emakhuwa" (NELIMO/INDE (1989:42) fundamenta a escolha da variante nela falada como de **referência**.

⁵. Ao longo deste texto empregaremos alternadamente as designações Makua ou Emakhuwa, Nahara ou Enahara, Lomwe ou Elomwe, e Marrevoni ou Emarrevoni, de acordo com situação da unidade discursiva.

Não só se podem aludir a estes factores, quiça pouco consistentes, mas também, ao factor de inteligibilidade que é de elevado grau entre as variantes, ainda que se saiba que para o estabelecimento de uma variante como referência (norma) tem, também, a ver com os critérios fundamentados por factores históricos, culturais e sociais, que determinaram as relações entre os povos, do que meramente linguísticos.

Tal como outras línguas bantu, a língua makua foi estudada por vários cientistas. Por exemplo, Guthrie (1967-71), nos seus estudos, junta à língua makua (entenda-se, variante emakhuwa) com as outras línguas (entenda-se, variantes) num único grupo, designado por Grupo Makua cujo código é P₃₀.

Segundo Guthrie (1967-71), o Grupo Makua é constituído por quatro línguas, nomeadamente, Makua (P₃₁), Lomwe (P₃₂), Ngulo (P₃₃), Cuabo (P₃₄). A maior parte destas línguas é só falada em Moçambique, exceptuando Ngulo que, segundo Guthrie, é falado também, em Malawi. Todavia, em Moçambique, parece não haver, actualmente, evidências sobre a existência de falantes de Ngulo, o que pode justificar o facto de as investigações recentes não fazerem a menção a esta variante.

Em Guthrie (1967-71), o Lomwe e Chuwabo são classificados como línguas autónomas, mas alguns trabalhos recentes, por exemplo, Medeiro (1987), tendem a considerar como variação de um mesmo falar (dialectos) da língua Makua. Entretanto, se bem que nos parece pouco problemático considerar o Chuwabo como língua diferente do "Makua" ou do "Lomwe", é-nos difícil explicar, por meios de factores quer linguísticos quer sociolinguísticos, por que razão o Lomwe é considerado língua no Grupo P₃₀.



Referência

Se se tiver em conta os factores de separação regional como uma das causas da manifestação das diferenças entre os falares das comunidades, o que pode originar dificuldades de interações sociais e linguísticas permitindo o desenvolvimento de traços distintos, talvez então, seja correcto "afirmar-se, sem grande erro, que os diferentes falares e-LOMWE e e-MAKHUWA não são senão dialectos mais ou menos afastados de um antigo idioma comum que foi submetido a diversas influências exógenas e a dinâmicas endógenas específicas determinadas por particularismos históricos próprios a cada uma das regiões" (Medeiros, 1987). Esta constatação parece ser de facto convincente, mas carece de um trabalho de investigação para provar empiricamente a natureza dessas "influências" e dessas "dinâmicas" que originaram tal diferença dos falares actuais.

Se há argumento favoráveis a uma integração do Lomwe no grupo dos dialectos da língua Makua, o mesmo já não acontece quanto ao caso Chuwabo, principalmente se assumir que o Chuwabo "é resultante, na Baixa Zambézia, de transformações ocorridas ali no e-MAKHUWA/e-LOMWE aquando do sistema dos prazos (esclavagistas) devido ao estacionamento em Quelimane e regiões vizinhas, de milhões de cativos oriundos de áreas culturais aparentadas às sociedades matrilineares MAKHUWA/LOMWE como às dos Chewas/Nyanjas, Yao e Bemba, devido também a influência de dialectos Ki-Shona da margem do sul do zambeze, "das línguas de costa", (Ki-Swahilli) dos comerciantes Afro-Árabes, e ainda do português" (Medeiros, 1987). Esta afirmação não parece justificar adequadamente a pertença do Chuwabo ao grupo dos dialectos da língua makua, porque se na verdade houve, na região, a presença dos povos e o contacto das línguas mencionadas acima, então, o resultado desse contacto deve

ser, naturalmente, algo diferente e pouco aproximado a essa assunção de pertença.

Assim, esse algo proveniente do contacto daquelas línguas e culturas diversas, talvez, pudesse ser concebido como se em tempos recuados tivesse sido um pidgin de base Makua e/ou Lomwe, e que devido a evoluções endógenas se tenha tornado num creolo.

Considerando que ainda não se fez nenhum estudo aprofundado sobre o estatuto do Chuwabo entre as línguas do grupo P₃₀, achamos consistente seguir a proposta do I SEMINÁRIO SOBRE A PADRONIZAÇÃO DA ORTOGRAFIA DAS LINGUAS MOÇAMBICANAS (NELIMO, 1988). A natureza dessa proposta consiste na constituição da ortografia autónoma do Chuwabo relativamente ao do Makua, o que traduz o reconhecimento da autonomia.

CAPITULO II

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. O Modelo Geral da Fonologia Generativa

Uma análise fonológica não pode ser feita sem que se tenha escolhido um quadro teórico de gramática que se considere adequada para a descrição e explicação dos níveis da língua, que se pretendem abordar. Assim, escolhemos a gramática generativa como nosso quadro de trabalho.

A escolha deste quadro teórico para análise da fonologia do emakhuwa justifica-se pelo facto de propor um modelo geral de funcionamento dos vários níveis das línguas naturais e da sua inter-relação; este modelo, através de uma análise, procura descobrir os princípios e processos universais; e a interacção entre os níveis fonológico e morfológico proposta pela fonologia generativa permite explicar questões ligadas à aprendizagem das línguas e ao funcionamento da sua utilização.

A teoria da fonologia ^{em português} generativa - Chomsky e Halle (1968) - faz parte da teoria geral da linguagem denominada Gramática Generativa. O programa essencial desta teoria é explorar e compreender a natureza geral do conhecimento linguístico, por forma a alcançar o seu objectivo último, a construção de uma 'Gramática Universal' para todas as línguas naturais, cujas propriedades são fixadas com base nos princípios e regras.

A teoria postula que as propriedades idiossincráticas (acidentais) evidentes entre as línguas são descritas pelos

materiais fornecidos pela linguística teórica através de padrões universais de estrutura das línguas.

Em conexão com esse objectivo último, está a preocupação da teoria em responder às perguntas "o que é Makua? ou Shona?", "o que é que permite aos falantes nativos falarem perfeitamente a sua língua?"

A teoria concebe que o conhecimento da língua manifesta-se numa variedade de habilidades linguísticas específicas, de entre elas a mais importante é a de um falante nativo ser capaz de produzir e perceber um número infinito de enunciados que nunca tenha ouvido antes. Assim, responder ao que é Makua ou Shona "is to discover what sorts of information the speaker in fact memorizes from previous linguistic experience and what sorts of principles permit this finite body of memorized information to serve as the basis for the construction of indefinitely many sentences" (Kenstowicz & Kisseberth, 1979:3). Assim, Chomsky propôs que uma gramática de uma língua deve ser um sistema algébrico generativo de regras formais, explicitas que organizam um número não-finito de frases bem-formadas e fixam para cada uma delas uma análise correcta das suas estruturas (cf. Katamba, 1989:xi)

O diagrama a seguir mostra o lugar da fonologia no modelo geral da teoria generativa. *advancing Labell*

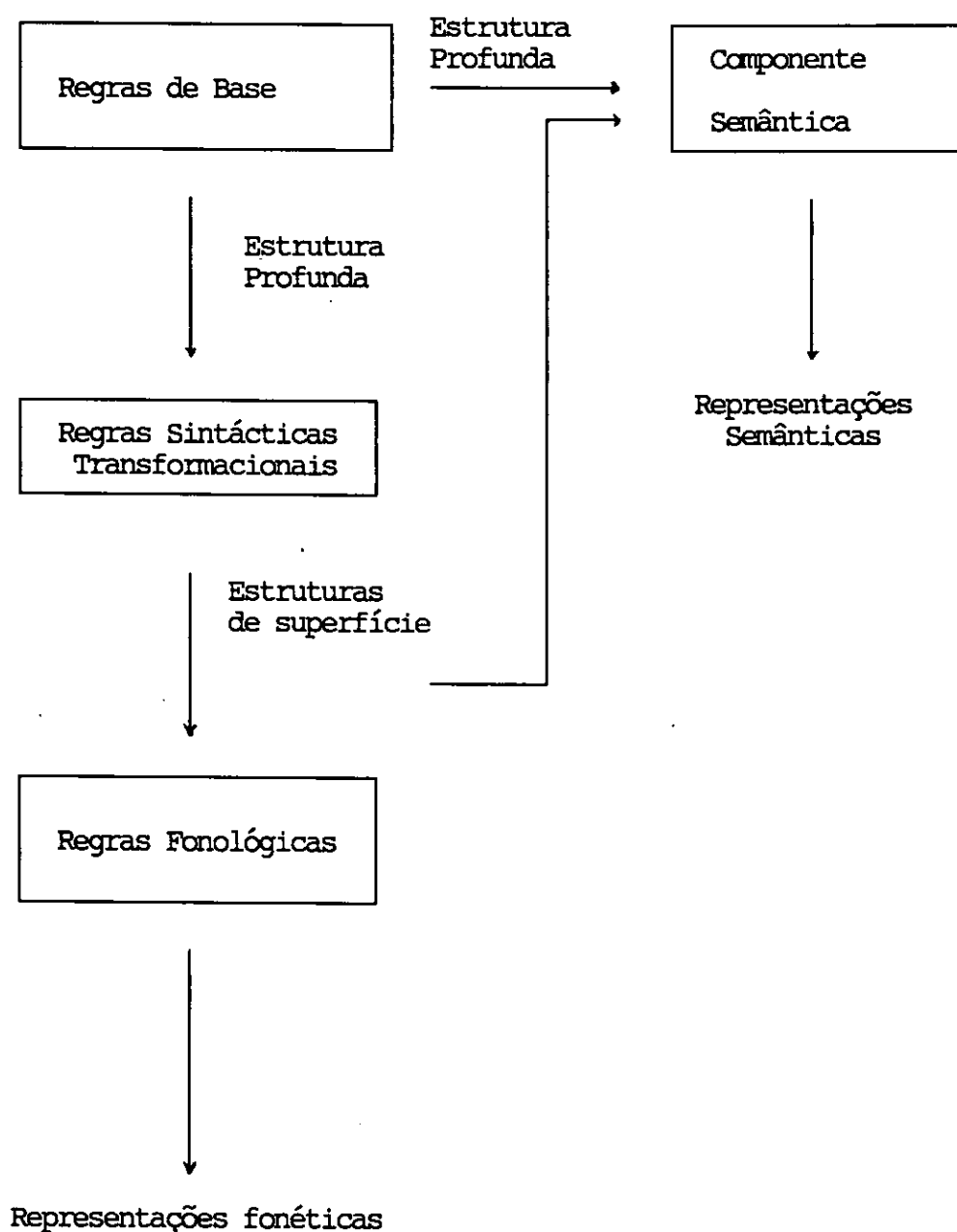


FIGURA 1: O Modelo da Gramática Generativa⁽⁶⁾

Não é nosso interesse, neste trabalho, fornecer os detalhes do processo das relações de funcionamento entre as componentes no modelo acima. Contudo, vamos referir a alguns aspectos que dizem respeito à componente fonológica.

⁶. Baseado em Clark & Yallop, 1990:340.

reporting/

De acordo com o modelo, a componente sintáctica gera as sequências gramaticais que representam a estrutura de superfície preenchidas com itens lexicais e reflecte as regras gramaticais da língua. Os itens lexicais na estrutura de superfície trazem consigo as suas representações fonológicas de base sob forma de matrizes de traços. Assim, em Clark & Yallop (1990:340) explica-se que "The surface structure serves as input to the phonological rules, which responding both to underlying phonological representation and to their syntactic and phonological contexts, generate a phonetic representation".⁽⁷⁾ Deste modo, "A componente fonológica da gramática generativa específica, por meio de um *sistema de regras*, as relações entre a saída da *componente sintáctica*, entendida como uma sequência de estrutura analisada, e a *representação fonética* que lhe corresponde. Esta representação fonética apresenta, por meio de uma *transcrição fonética*, os dados empíricos diante dos quais é possível construir hipóteses para o estabelecimento de *formas de base*, que, por sua vez, trabalhadas pelo referido sistema de regras, devem fornecer, na cadeia final de uma derivação, as *formas de superfície* de uma determinada língua." (Mateus, 1982 :17) A representação dos segmentos no nível subjacente denomina-se representação fonológica.

2.1.1. Fonologia Segmental e Auto-segmental

Exemplos

A teoria generativa nos últimos anos conheceu progressos que contribuíram de forma relevante para a sua reformulação, tais são os casos da fónologia-CV fonologia ("CV-Phonology"), fonologia

⁷. cf, também, Kenstowicz & Kisseberth, 1979:6.

métrica, fonologia das dependências e da fonologia auto-segmental. Estas sub-teorias não anulam os princípios da teoria generativa clássica.

O progresso da fonologia generativa mostra-se nas implicações dadas à abordagem segmental que se considera insuficiente para o tratamento conciso dos fenómenos fonológicos. Daí resultam as recentes abordagens auto-segmental e da fonologia CV. Estes sub-modelos introduzem, na teoria geral, a abordagem não-linear das representações fonológicas, sendo os seus alvos de análise o tom, a sílaba, "stress" e a entoação.

↳ Enquanto a teoria segmental afirma que as representações fonológicas consistem em sequências lineares de segmentos fora de uma organização hierárquica do que a das estruturas sintagmáticas, a teoria auto-segmental postula que as unidades mínimas (segmentos) combinam-se não segundo um padrão linear simples, pois eles sozinhos nunca evidenciam uma realidade física segmentável (cf. Goldsmith, 1990). Os segmentos ficam dispostos em 'laços paralelos' que diferem conforme ao que os traços nele especificam.

Goldsmith (1990) ^{Complete Reporting/Elucidação} menciona os seguintes conceitos básicos operacionais: *laço, cadeia, linhas de associação e convenção de associação*. Onde, um laço representa a combinação linear ajustada dos segmentos; uma linha de associação indica o 'co-registro' articulatório (gestual) e acústico (transições acústicas diferentes) e liga os laços na cadeia; uma cadeia é um par de laços junto com o conjunto das linhas de associação de que se relaciona e a convenção de associação é uma regra operacional que associa os laços na cadeia.

Quanto às regras auto-segmentais, a teoria concebe que numa língua particular elas podem consistir em 1. adição de uma linha de

associação 2. apagamento de uma linha de associação 3. adição de um número de linhas de associação sem fronteiras. Mais ainda podem operar as regras de 4. mudança de traços de um segmento num dado laço 5. elisão de um segmento num dado laço e 6. metatizar dois segmentos num dado laço.

2.2. Fonética e Fonologia

A fonética e fonologia são ambas ciências da fala, têm a ver com a maneira de produção e audição.

Em Hyman (1975), a fonética ^{repor frase} é definida como sendo o estudo dos sons da fala, ou ainda, de acordo com Weiss (1988:3), como 'estudo dos sons da fala humana nas suas diversas realizações, fora da sua função significativa'. Ela se distingue entre fonética articulatória, mecanismos de produção ou articulação dos sons da fala; e fonética acústica, estudo das propriedades físicas dos sons produzidos (Clark & Yallop (1990)), e Mateus, et al (1991) acrescentam o conceito de fonética 'auditória' ou 'perceptual', para se referir à maneira pela qual o ouvinte analisa e processa as ondas sonoras para a interpretação dos enunciados. Um estudo fonético fornece um inventário e uma descrição dos segmentos fonéticos. Quanto à fonologia, cabe-lhe estudar as propriedades do sistema de sons que os falantes podem aprender ou interiorizar de tal maneira que sejam capazes de falar a sua língua, para fins comunicativos (cf. Hyman, 1975:10). Por isso, a fonologia estuda os fenómenos mentais ou psicológicos (cf. Parker, 1986:86). Kindell (1981:9) aponta os objectivos específicos da fonologia como sendo "o estudo dos sistemas fonológicos, de funções de sons dentro de um sistema, e da estrutura fonológica de uma língua determinada".

O pressuposto de existência das representações mentais dos sons distintos nos falantes leva a admitir uma realidade bipartida desses sons, realidade de natureza física e realidade de natureza psicológica. A fonologia descreve os mecanismos de estruturação e funcionamento dos sons numa determinada língua. Daí que "the task of phonology is to study which differences in sound are related to differences in meaning in a given language, in which way the discriminative elements...are related to each other, and the rules according to which they may be combined into words and sentences." Trubetzkoy (1939:10)⁽⁸⁾. Clark & Yallop (1990) acrescentam que a fonologia tem também a ver com a organização da fala nas línguas específicas, ou com estabelecimento de sistemas ou padrões de sons recorrentes nessas línguas.

A relação entre a fonologia e a fonética é estabelecida por meio de regras. Crystal (1980) explica que a fonologia, também, "is concerned with, the rules which can be written to show the types of phonetic relationships that relate and contrast words and their linguistic units".

2.2.1. O Fonema

Na terminologia tradicional, o fonema era definido como sendo uma unidade mínima no sistema de sons de uma língua. Entretanto, como fruto de vários estudos, esta foi sendo reestruturada até aos dias de hoje em que o fonema pode ser definido segundo determinadas perspectivas (funcional, psicológica, linguística sistemática). Por exemplo, Jones (1967:10) define o fonema como "a family of sounds

⁸. In Hyman, 1975:2

in a given language which are related in character and are used in such a way that no one member ever occurs in a word in the same phonetic context as any other member". Esta definição, segundo Fontaine (1978:64), é genérica, com intuito de conceber um mecanismo económico para transcrever uma língua com um mínimo de símbolos fonéticos. No entanto, em Hyman (1975:7), explica-se que "as unidades distintivas de som, isto é, aquelas que são capazes de distinguir palavras de diferentes significados são designados fonemas, dos quais, os sons redundantes, isto é, aqueles que são predizíveis por um dado contexto, são designados variantes contextuais ou alofones. Os alofones são sons similares que ocorrem em contextos complementares. O próprio fonema não é um som mas uma abstracção. Ele pode ser visto sob duas perspectivas; de sistema de língua - representa todos os sons que são significantes nessa língua (os fonemas são todos os sons que servem para diferenciar palavras) e, de pronúncia real - um fonema é um conjunto de sons ou fones relacionados. (cf. Clark & Yallop, 1990)

O fonema é representado entre barras paralelamente oblíquas (/ /), e os fone (ou alofones) é entre parênteses rectos ([]).

As abordagens sobre o fonema são bipartidas. Uns se preocupam com a natureza (a essência) do fonema em si, outros com a explicação de quando e como se especifica que um dado som é um fonema em relação aos restantes.

O nosso trabalho define-se pela segunda abordagem.

Chão (1934:38)⁹ observou que "given the sounds of language there are usually more than one possible way of reducing them to a system of phonemes, and... these different systems or solutions are not simply correct or incorrect, but may be regarded only as being

⁹. In Hyman (1975)

good or bad for various purposes". Assim, Jones (1931)⁽¹⁰⁾ afirmava que um dos principais objetivos de agrupar os sons de uma língua em fonemas é estabelecer um meio simples e adequado de escrever nessa língua, que por essência é o objetivo deste estudo.

2.2.2. Para uma Identificação dos Fonemas

enumera

Uma análise fonológica de qualquer língua é precedida por identificação de unidades de sons com relevância distintiva no sistema linguístico em causa; tais unidades são designados fonemas (ou segmentos, de acordo com a terminologia generativa). Posto assim, os procedimentos anteriores ao estabelecimento da matriz fonológica são a determinação da natureza funcional dos segmentos e a sua inter-relação quanto aos seus níveis subjacente e de superfície no sistema em descrição. Para o efeito, os estruturalistas estabeleceram os seguintes critérios de descoberta dos fonemas:

a) *pares mínimos*- duas palavras são idênticas excepto um segmento na sequência, i.e, dados dois fones, quando permutados numa dada palavra originam um item semanticamente diferente do outro, o que permite estabelecê-los como fonemas diferentes. Outra forma de explicar esta relação é invocar a noção de *contrastos em contextos idênticos* (Katamba, 1989:22; Kindell, 1981:41), que é uma "relação linguística entre dois sons em que a diferença fonética corresponde a uma diferença de significados ou de estrutura fonológica ou gramatical".

¹⁰. In Hyman (1975)

Uma análise dos pares mínimos permite verificar os contrastes fonémicos e determinar, se dois sons podem ser ou não atribuídos ao mesmo fonema.

b) *contrastos em contextos análogos* - são contextos aproximadamente idênticos.

c) *distribuição complementar* - esta noção subjaz a premissa básica de que os sons tendem a ser influenciados pelos seus contextos linguísticos dentro de estruturas fonológicas, morfológicas ou sintáticas. Conforme observam Johnson & Wolfram (1984) o contexto linguístico inclui efeitos do som vizinho; a posição de ocorrência dentro das unidades amplas (sílaba, palavra, etc.); efeito dos aspectos fonológicos supra-segmentais (stress e tom); e certas informações gramaticais sobre a palavra (i.e, se é um composto, ou se é um nome, ou se é um verbo). Assim, espera-se que um dado segmento num destes contextos possa perder, adquirir ou alterar os seus traços articulatórios. As diferentes realizações daí resultantes assumem-se alofones de um fonema identificado no sistema linguístico em questão e, ocorrem numa distribuição mutuamente exclusiva.

No entanto, alguns sons podem estar em distribuição complementar e não serem atribuídos a um único fonema por não serem foneticamente similares.

A relação de complementaridade é descrita por meio de regras do tipo "sempre - nunca" (Kindell, 1981).

d) *variação livre* - trata-se de variantes fonéticas cuja alternância em contextos quer idênticos quer complementares é não-contrastiva, porque não têm a capacidade de controlar palavras e morfemas. As variantes livres fonéticas são interpretadas como

pronúncias diferentes do mesmo fonema. A supremacia de uma variante sobre a outra é determinada pelos factores linguísticos e sociais.

2.3. Níveis de representação

A constatação pelos fonólogos de existência simultânea de semelhanças e diferenças entre os sons levou a que eles postulassem e desenvolvessem a noção de níveis de representação.

função Esta noção permitiu que os sons fossem tratados como semelhantes num nível e diferentes num outro. Assim, teoricamente foram concebidos quatro níveis de representações, a saber, 'fonémico sistemático', 'fonémico clássico', 'fonético clássico', e 'fonético físico', dos quais, os primeiros três são parte do sistema mental ou psicológico do falante, definidos em termos de traços distintivos, e se relacionam por meio de regras fonológicas, também definidas em termos de traços distintivos (Parker, 1986:96). O último nível que é descrito em termos das suas propriedades físicas do sinal acústico, representa uma descrição física ou fisiológica da produção da fala ou do sinal acústico resultante (cf. Parker, 1986).

Em Harms (1968:13), o nível fonémico sistemático é o 'input das representações do morfema (e os morfos)', e o fonético sistemático (corresponde a fonético clássico) é o seu 'output'. Crystal (1980) caracteriza o primeiro como sendo o de 'representação ... que estabelece uma forma subjacente capaz de explicar as variações fonológicas relacionadas com a gramática'. Este nível estabelece uma forma base que, por meio de regras fonológicas, pode explicar os fenómenos de superfície fonética. Na acepção linguística descritiva actual o nível fonémico clássico corresponde

ao chamado fonémico, e o fonético sistemático, ao fonético (cf. Parker, 1986:96). Porém, é preciso entender que os dois níveis e as unidades que neles dizem respeito são psicológicas e não físicas.

diversos
 Posto assim, existem dois níveis de representação, o fonético e o fonémico, que especificam uma transcrição fonética e uma transcrição fonológica respectivamente, - isto concorda com dizer que os segmentos são semelhantes fonemicamente e diferentes foneticamente.

A nível fonético obtem-se a descrição das características dos sons que ocorrem na fala; a nível fonémico, o ênfase é sobre as propriedades dos sons funcionalmente significantes quanto à sua intervenção na formação de palavras ou enunciados.

2.4. Os Traços Distintivos

reprodução
 A unidade mínima distintiva na abordagem fonológica tradicional era o segmento (fonema). Todavia, nos estudos subsequentes demonstrou-se que, para além do segmento, existem outras várias propriedades inerentes a estes, portanto mínimas. Tais propriedades detectam aspectos meramente fonéticos e contrastivos de um fonema. Assim, Walfram & Johnson afirmam que a argumentação na adopção de traços distintivos está no facto de se considerar que o fonema em si é uma unidade divisível em conjuntos de traços, e, por isso, o estabelecimento de traços de sons permite-nos capturar a natureza sistemática das relações fonéticas internas dos segmentos, o que demonstram que os traços são últimas unidades dos contrastes fonológicos, (cf. Katamba, 1989).

A teoria dos traços distintivos vem desde os tempos da Escola de Praga. Trubetzkoy (1939), um dos pioneiros do Círculo de Praga,

estabeleceu um sistema de traços distintivos com base nos processos articulatórios, cuja filosofia assenta nas *oposições fonológicas*. Tal oposição é caracterizada pelo contraste entre a presença e ausência de um traço, ou entre dois traços distintivos. O objectivo de Trubetzkoy era de demonstrar que as línguas têm um meio limitado na forma como organizam os seus inventários fonológicos. Entretanto, no sistema de traços distintivos de Jakobson e os seus colaboradores, o interesse foi de estabelecer oposições fonológicas que fossem recorrentes universalmente. Para eles, o conjunto dos traços fonemicamente contrastivos é regulado por princípios universais, ainda que se reconheçam nas línguas inventários irregulares de variações fonéticas (cf. Katamba, 1989:39-40). Por exemplo, por hipótese, constataram que a presença de alguma oposição excluía a presença da outra, nas línguas (p.ex., entre a labialização e faringalização).

Os novos traços tomam a forma binária e são estabelecidos com base nas características acústicas contrastivas observadas nas ondas sonoras resultantes dos processos articulatórios. Em relação aos traços de Trubetzkoy, em Jakobson mantêm-se as oposições oral e nasal, consoante e vogal; e diferem os traços grave e agudo (velar e labiais contra palatais e dentais), compacto e difuso (velares opostos aos labiais, vogais abertas opostas às vogais fechadas), estridente e suave ("mellow"), que apesar de algo haver com a posição articulatória, são fundamentalmente traços acústicos (cf. Robins, 1989:144).

Contudo, os estudos mais recentes surgiram no quadro da gramática generativa - fonologia generativa em Chomsky e Halle (1968) *Sound Pattern of English*. Nesta obra, mantém-se a natureza binária dos traços distintivos estipulada por Jakobson, só que os

próprios traços, agora, são definidos em termos articulatórios e os desvios em relação à posição neutra do tracto vocal, e descrevem as propriedades acústicas a nível segmental e, mais recentemente, as propriedades supra-segmentais. O sistema é concebido segundo o princípio desimplicidade, o qual, de acordo com Chomsky e Halle, não significa um número mínimo de unidades, mas sim um sistema sensível a um número maior de factos e capaz de estabelecer generalizações relevantes com um número menor de regras. O sistema preenche, assim, os objectivos indicados por Schane (1973) por ser "coerente com a realidade fonética", por descrever "as diferenças e semelhanças entre as línguas do mundo", por "descrever os contrastes necessários no interior do sistema de uma língua", por "descrever as classes naturais" (cf. Mateus, et al, 1990:234).

O sistema dos traços do *Sound Pattern of English* reflecte as capacidades humanas de produção e percepção da fala, e, também, os conhecimentos que um locutor auditor ideal tem da sua própria língua (cf. Mateus, et al, 1990; Robins, 1989:143). Daí que eles não sejam arbitrários - (Chomsky e Halle, 1968:298) - são "caracterizados como escalas físicas que descrevem os diferentes aspectos do acto de fala que podem ser controlados independentemente tais como a vocalidade, a nasalidade, o vozeamento e a glotalização" - (Mateus, et al (1990:241)). Além disso, os traços são bifuncionais, descrevem os aspectos fonéticos e aspectos fonológicos.

Como os traços não são arbitrários e desempenham uma função dupla, permitem estabelecer um conjunto de restrições fonológicas universais, como por exemplo, o facto de as línguas seleccionarem um número restrito de traços no conjunto dos traços possíveis; o

facto de os processos fonológicos serem inerentes às classes naturais,

Advancing label.
A seguir apresentamos os traços distintivos de Chomsky e Halle (1968) em Katamba (1989) e Mateus, et al (1990), incluindo as recentes correcções. (Só os que vamos usar).

A. TRAÇOS DE CLASSES PRINCIPAIS

1. Consonântico - Não- consonântico [+cons, -cons]

Os sons consonânticos são produzidos com uma constrição ao longo do tracto vocal (região médio-sagital). os sons não consonânticos são produzidos sem a tal constrição.

. as obstruentes, as soantes, as nasais e as líquidas são [+cons] e as vogais e as glides são [-cons].

2. Silábico - Não-silábico [+sil, -sil]

Os sons silábicos são os que funcionam como núcleos de sílaba, os não silábicos ocorrem na margem de sílaba.

. as vogais são silábicas. Determinadas línguas apresentam, também, as líquidas, vibrantes e nasais silábicas.

3. Soante- Não-soante [+son, -son]

Os sons soantes são produzidos sem obstrução significativa à passagem do ar através do tracto vocal, o que torna possível o vozeamento espontâneo. Na produção dos não soantes o vozeamento é inibido.

. são soantes as vogais, as glides, as nasais e líquidas e não soantes todos os outros segmentos.

B. TRAÇOS DE CAVIDADE

4. Coronal - Não-coronal [+cor, -cor]

Os sons coronais são produzidos com a elevação da lâmina da língua acima da posição neutra, à região alveolar ou ao palato duro. Para os não coronais tal elevação não se verifica.

.as consoantes dentais, alveolares, alveo-palatais e as retroflexas são coronais, as labiais, velares, uvulares e faringais são não coronais.

5. Anterior - Não-anterior [+ant, -ant]

A obstrução principal à passagem de ar durante a produção dos anteriores regista-se na parte frontal do tracto vocal.

. são anteriores as consoantes labiais, dentais, e alveolares. As vogais, sendo articuladas sem obstrução significativa e na zona posterior da cavidade bucal, são, por definição, não-anteriores.

6. Arredondado - Não-arredondado [+arr, -arr]

Os sons arredondados são produzidos com uma redução do orifício labial que não se verifica nos sons não arredondados.

. este traço cobre os sons [o], [] [u] e [w], que são o subconjunto dos sons labiais.

7. Labial - Não-labial [+lab, -lab]

A produção dos sons labiais tem a ver com o contacto com os lábios ou a sua deformação.

. o traço cobre as labiais, as vogais arredondadas, as consoantes labio-dentais.

8. Distribuído - Não-distribuído [+distr, -distr]

Os sons distribuídos são produzidos com uma constrição relativamente longa a nível da linha central do tracto vocal. Nos

sons não-distribuídos o comprimento da constrição é relativamente mais reduzido.

.são distribuídas, as consoantes bilabiais e laminais. são não-distribuídas, as dento-labiais e apicais e as retroflexas.

C. TRAÇOS DE CORPO DA LÍNGUA

9. Alto - Não-alto [+alt, -alt]

Os sons altos são produzidos com uma elevação do corpo da língua acima da posição neutra que não se verifica na produção dos sons não-altos.

.são altos, as vogais [i, u], as glides [w, j], e as consoantes alveopalatais, palatais, palatalizadas, velares e velarizadas.

10. Baixo - Não-baixo [+bxo, -bxo]

Os sons baixos são produzidos com um abaixamento do corpo da língua relativamente à posição neutra.

. são baixos todas as vogais abertas como [,a,], uvulares, glotais e as consoantes faringais e faringalizadas.

11. Recuado - Não-recuado [+rec, -rec]

Na produção dos sons recuados verifica-se a retracção do corpo da língua a partir da posição neutra.

. recuados: as consoantes velares, uvulares e faringais, as velarizadas. Como também, as vogais centrais e posteriores.

12. Tenso - Relaxado [+tenso, -tenso]

O traço caracteriza as vogais. Assim, as vogais tensas são produzidas com o corpo da língua, ou a configuração da raiz da língua, envolvendo um maior grau de constrição do que a que se verifica nas vogais relaxadas. Tal constrição é acompanhado com alongamento (duração).

. o traço caracteriza as vogais longas e breves.

D. TRAÇOS DE LARINGE

13. Aumento da Pressão Sub-glotal - Não-aumento da pressão sub-glotal [+spread, -spread]

Este traço é utilizado, sobretudo, para descrever a concomitância da tensão e da aspiração.

14. Vozeado - Não-vozeado [+voz, -voz]

Os sons vozeados são produzidos com vibrações das cordas ~~vogais~~ e os sons não vozeados sem essa vibração.

E. TRAÇOS DE MODO DE ARTICULAÇÃO

15. Contínuo - Não-contínuo [+cont, -cont]

Na produção dos sons contínuos, a constrição principal do tracto vocal não é suficientemente estreita para bloquear completamente a passagem de ar. Nos sons não contínuos (ou seja oclusivos) a passagem do fluxo de ar é bloqueada por uma constrição a nível do tracto vocal.

. são não-contínuas as consoantes africadas, as oclusivas nasais e não nasais, as ejectives, as implósivas e as laterais.

16. Lateral -Não-lateral [+lat, -lat]

Os sons laterais são produzidos com um abaixamento da parte média da língua de um dos dois lados, o que permite o escoamento lateral do fluxo de ar que não se observa nos sons não-laterais.

. o [l] é lateral. Noutras línguas, as fricativas, as africadas podem ser laterais.

17. Nasal - Não-nasal [+nas, -nas]

Os sons nasais são produzidos com abaixamento do velum que permite a saída do ar pela cavidade nasal, enquanto nos sons não-nasais, o ar apenas se pode escapar pela boca.

são nasais as consoantes oclusivas [m, n, ŋ, ŋ] e as consoantes, glides nasalizadas.

18. Estridente - Não-estridente [+estrid, -estrid]

Os sons estridentes caracterizam-se por uma maior quantidade de ruído. A estridência está associada a ocorrência de turbulências.

. apenas as fricativas e as africadas podem ser estridentes.

19. Distensão Retardada - Distensão Instantânea

[+del rel, -del rel]

Os sons produzidos com distensão retardada, a oclusão a nível do tracto vocal é distendida gradualmente. Opõem-se a todos os outros sons em que a distensão da constrição é abrupta.

. a distensão retardada caracteriza as africadas apenas.

2.5. Processos Fonológicos e Fonéticos

A determinação de uma matriz fonológica de uma língua precede a uma análise do comportamento fonológico dos segmentos dessa língua. Tal comportamento que é identificado pelo nome de 'processos fonológicos' (ou fenómenos fonológicos) compreende os processos de alteração, supressão e inserção de segmentos. Isto permite predizer que os elementos do nível fonémico e fonético não se correspondem biunivocamente, uma vez que, a sua relação é somente explicada por regras fonológicas. Aliás, Mateus, et al (1991) comenta que os processos ora mencionados podem funcionar a)

"sistematicamente, por meio de regras que actuam sobre segmentos subjacentes e cujas condições de operação são determi-náveis";

b) "assistematicamente, actuando sobre o nível fonético (os próprios sons), segundo condições que não são exclusivas da componente fonológica".

Observam-se no primeiro caso os processos fonológicos motivados por causas inter-relacionadas com os factores fonéticos, morfológicos e sintácticos. Ao passo que no segundo caso, são os processos fonéticos, que dependem quase exclusivamente de factores fonéticos e prosódicos.

Os processos fonéticos, na sua generalidade, evidenciam processos de alteração a nível articulatorio, por exemplo, a partir de uma articulação plena de um segmento pode-se passar para uma articulação complexa (ou secundária, Pike (1943) e Ladefoged (1971)). O conceito de articulação secundária não é claro em Pike e Ladefoged (cf. Clark & Yallop, 1990), por isso, Clark & Yallop fundem-no num só conceito, o da articulação complexa, e afirmam que este último diz respeito a uma 'categoria maior' e comporta duas 'subcategorias' (articulatórias), 'simultânea' e 'transicional'. Quanto à primeira, nota-se uma co-ocorrência da actividade articulatória que na produção de um som indefinido como um segmento único; e à segunda, a articulação é desencadeada sucessivamente, os sons que o compõem podem ser identificados como segmentos distintos, (embora perfazendo uma articulação única modificada).

Portanto, um processo fonológico que resulte de uma alteração condicionada pelo contexto pode esperar uma realização fonética que comporte uma das duas subcategorias articulatórias.

Exceptuando os processos fonológicos de inserção e supressão, o de alteração, especificamente, o processo de assimilação,

consiste em alterar (modificar) um som por forma a adquirir algumas propriedades dos sons da sua vizinhança (cf. Katamba, 1989). A assimilação pode ser descrita conforme a direcção em que opera. Com efeito, obtêm-se a) assimilação progressiva, se um som subsequente assimila os traços de um som vizinho antecedente; b) assimilação regressiva, se um som assimila os traços do som seguinte; e assimilação bidireccional, onde operam em simultâneo a assimilação regressiva e progressiva.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

3.1. Evidência de Corpus-interno

("Corpus-Internal Evidence")

Qualquer descrição fonológica é posterior ao estabelecimento de um corpus pelo linguista. O tipo de corpus e o argumento da sua escolha permitem ao linguista motivar e justificar as descrições fonológicas em vista. Assim, existem duas vias para o estabelecimento de um corpus, a saber, a via de 'evidência de corpus-interno' (corpus-internal evidence), ou, a via de 'evidência de corpus-externo' ("corpus-external evidence") (Kenstowicz and Kisseberth, 1979).

O corpus deste estudo foi recolhido nos moldes de 'evidência de corpus-interno', na qual, a característica principal foi o estabelecimento de um conjunto primário de dados com que trabalhamos, portanto, um corpus de enunciados transcritos foneticamente e com, pelo menos, uma análise gramatical e semântica rudimentares. Considerando que a recolha de dados, ainda que tenha sido de falantes nativos, não se realizou nas respectivas comunidades de fala, onde as variantes são activamente usadas, o nosso corpus é relativamente restrito no que diz respeito a esse âmbito.

A opção pela 'evidência de corpus-interno' argumenta-se pelo facto de a gramática generativa considerar que uma descrição da estrutura fonológica de uma língua é simultaneamente uma caracterização do conhecimento linguístico do falante nativo dessa língua' (cf. Kenstowicz and Kisseberth, 1979:153). Sendo assim,

isto implica que uma análise do tipo 'corpus-interno' poderá corresponder com a gramática interiorizada do falante nativo, ou simplesmente, que a descrição do linguísta tem uma 'realidade psicológica'.

3.2. Estabelecimento da Variante e o Centro da Comunidade Linguística

reporting/evaluation

De acordo com o seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas, a língua makua tem as seguintes variantes : emakhuwa, enahara, emarrevoni, esangagi, esaaka, emeetto, exirima e elomwe. Estas variantes são as que ocupam territórios consideráveis, em termos de número de falantes, e manifestam variações nítidas. Contudo, outras são rotuladas com os nomes das regiões onde os seus falantes vivem.

A escolha das quatro variantes para a nossa investigação tem motivação no facto de numa observação preliminar as diferenças parecerem evidentes e com grau superior e, para além disso, no facto de a distância entre os centros das suas comunidades ser grande e, principalmente, dada a disponibilidade de falantes destas variantes na cidade de Maputo.

O termo 'variante', usámo-lo como um termo neutro aplicável a cada um dos quatro falares particulares que desejamos, para o propósito do nosso estudo comparativo, considerar como uma entidade linguística particular.

O 'centro da variante', uma vez que as variantes na orla externa da área geográfica podem não ser mutuamente inteligíveis, mas ser ligados por uma cadeia de mútua inteligibilidade, é identificado pelo efeito cumulativo das diferenças geográficas, que

aumenta, conforme a distância de separação geográfica e o grau das dificuldades de compreensão. Neste caso, a única maneira de dizer que estamos perante um tipo de variante diferente do outro é situando-nos na sede distrital onde a mesma se fala.

3.3. Selecção da Amostra

proced

A comunidade linguística makua em estudo foi segmentada em subcomunidades, consideradas comunidades linguísticas das variantes de comparação, cujo centro de localização são as sedes distritais ou provinciais onde se localizam os falantes nativos/activos. Para cada uma das comunidades da nossa pesquisa fizemos uma selecção da amostra de informantes, dos quais foi feito o levantamento do vocabulário básico. Os parâmetros tidos em conta foram a idade, escolaridade mínima, nos termos actuais do SNE, o ano em que se ausentou da região onde se fala a variante e o estado linguístico actual do sujeito em relação a variante.

document

Trabalhámos com oito informantes, dois de cada variante em estudo. Há razões que concorreram para este facto. Por um lado, porque há que considerar que os traços fonológicos são bastante recorrentes, por outro, porque foi-nos difícil estabelecer um número maior de informantes a viver em Maputo que satisfizessem as premissas deste trabalho. Um outro factor foi a disponibilização tardia de um gravador com o qual recolheríamos os dados.

3.3.1. Informantes e Recolha de Dados

Foram entrevistados *sempre 2* dois informantes para cada variante, solicitados com respeito aos parâmetros ora mencionados. Assim, no que diz respeito a:

a) Idade: a idade de todos os informantes se situa no intervalo dos dezanove a quarenta anos, sendo, os dois informantes do emakhuwa, com 19 e 23 anos; os do enahara, com 20 e 21 anos; os de elomwe, com 36 e 41 anos; os de emarrevoni, com 24 e 27 anos.

b) Escolaridade: a escolaridade mínima dos informantes é de 4ª classe do tempo colonial e máxima é do ensino universitário:

- dois informantes de emakhuwa, um de enahara e um de emarrevoni são estudantes universitários (UEM).

- os dois informantes do elomwe têm a 4ª classe do tempo colonial.

- um informante de emarrevoni tem a 9ª classe do antigo sistema, ao passo que, o outro informante de enahara tem a 6ª classe do ASE.

c) Tempo de ausência: período máximo fora da zona activa da respectiva variante do falante foi de cinco anos. Situam-se neste caso, quatro informantes, nomeadamente, os dois de elomwe, um de emakhuwa e um de emarrevoni. Os restantes encontram-se em Maputo há menos de dois anos.

d) Procedência: dois informantes de Nampula (cidade), onde se fala emakhuwa; dois da Ilha de Moçambique (sede), onde se fala enahara; dois informantes de Gurué (sede), onde se fala elomwe; e dois informantes de Moma (sede), onde se fala emarrevoni.

e) O estado linguístico dos informantes mostrou-se ser satisfatório, portanto, aceitável para os objectivos do presente estudo.

Os informantes eram entrevistados separadamente. Ademais, nenhum dos informantes de uma mesma variante soube que o outro foi

ou havia de ser entrevistado para o propósito de recolha de dados linguísticos da sua variante.

A recolha de dados foi feita através de dois processos, a saber, escrita, isto é, transcrição fonética e, gravação em fita magnética. Assim, para cada variante fez-se, pelo menos, uma transcrição fonética com, pelo menos, duas gravações.

Submetemos aos nossos informantes uma lista de um vocabulário básico (estabelecido pelo Nelimo) com 260 palavras, inicialmente; e tivemos que dilatar a lista para resolver certos embaraços. As palavras que constam nessa lista compreendem as seguintes categorias gramaticais: nomes, verbos, adjectivos, pronomes, numerais e frases simples.

Antes do início da recolha de dados, o primeiro contacto com o falante da variante era caracterizado por uma explicação da natureza, dos objectivos e das vantagens do nosso estudo.

3.4. Método de Análise dos Dados.

A metodologia deste estudo postula o tratamento das variantes como línguas autónomas. Assim, primeiro, faz-se a análise dos segmentos fonéticos de cada variante, por forma a captar a sua relevância contrastiva de mensagens linguísticas intra-variante e, estabelecer os segmentos fonológicos das variantes.

Para a descoberta de fonemas nas variantes, empregamos o método estrutural, o qual, segundo Pike (1947), deve-se orientar pelos seguintes procedimentos: a) a elaboração de um quadro fonético dos sons identificados na língua em estudo, b) inventariação dos pares que, por serem foneticamente semelhantes, são susceptíveis de serem membros de um mesmo fonema, c) inventariação

separada dos segmentos dissimilares, portanto, que não ocorrem em b, d) para os pares semelhantes, deve-se-lhes especificar a natureza de diferença fonética entre eles, isto é, os mínimos traços contrastivos, e e) a ideia de que um determinado par é composto por fonemas diferentes é dada com evidências contextuais em que os segmentos ocorrem.

Assim, a identificação será feita ^{de acordo} de acordo com os resultados da apreciação dos segmentos nos seguintes contextos:

- i. pares mínimos - contrastes em contextos idênticos (CCI)
- ii. contrastes em contextos análogos (CCA)
- iii. distribuição complementar (DC)

A obtenção dos "proto-formas" passíveis de constituir uma "proto-matriz" a ser proposta precede a consideração de relações entre os fones dentro do sistema linguístico da variante. A demonstração das correspondências permite verificar as relações regulares ou irregulares dos segmentos fonéticos inter-variantes.

Assim, as correspondências são verificadas no nível fonético, porque, é lá onde os enunciados são comparáveis inter-linguisticamente (Chomsky e Halle, 1968:297). Este nível permite observar se uma dada representação fonética de um dado enunciado numa variante V_1 é diferente da representação fonética de um dado enunciado noutra variante V_2 . As representações serão diferentes se elas forem determinadas pelas regras específicas de cada variante e não for o caso da variação livre universal. É no contexto da variação livre universal dos segmentos entre as variantes em que se reconstitui um "proto-fonema" a constar na matriz fonológica comum.

Os segmentos correspondidos são captados em contextos idênticos de representações lexicais que exibem a mesma interpretação semântica em cada variante.



CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1. Comentário dos Quadros Fonéticos¹¹).

A partir do emakhuwa até as outras variantes, pode-se notar algumas variações, consistindo, basicamente, em número de segmentos inventariados e o tipo de segmentos acrescentados em cada quadro fonético da variante. É assim, que em enahara ocorrem os segmentos [t^s] (a africada alveolar surda) e a sua co-variante livre [z] (a fricativa alveolar sonora) e a fricativa alveo-palatal sonora [ʒ], que foi identificada numa palavra de empréstimos, [ɛʒanela] 'janela'. Ao passo que, no emarrevoni, ocorrem a fricativa interdental sonora [ð] e a fricativa glotal sonora [h]. Outro tipo de variação observa-se no elomwe, em que os segmentos oclusivos alveolares retroflexos surdos, quer plenos [ɽ] quer aspirados [ɽ^h], são produzidos como africadas [tʃ] e [tʃ^h], respectivamente. Em consequência, o elomwe tem menos segmentos em relação a outras variantes.

No que diz respeito a articulação complexa de segmentos (modificação de segmentos), há que notar que, a aspiração e a nasal silábica, no caso das consoantes, e a duração vocálica, no caso das vogais, ocorrem em todas as variantes.

Quanto ao caso dos segmentos que variam livremente, especificamente, [t^s] e [z] do enahara, nós escolhemos [t^s] para as ilustrações das análises. Esta escolha prende-se ao facto de, apesar dessa variação livre com [z], [t^s] ter sido o primeiro recorrente na fonologia dos nossos informantes durante a recolha de

¹¹. É indispensável, primeiro, a leitura e observação dos
ANEXOS

dados. No entanto, sempre que for necessário, faremos a referência ao [ɛ] ao longo das mesmas análises.

O segmento [ʒ], não entra na corrida da análise fonológica em causa, por isso, pode ser parcialmente ignorado.

Por outro lado, a fricativa glotal sonora identificada no emarrevoni, que varia livremente com a glotal surda, será considerada na análise com exemplos próprios. A produção deste segmento nos dois informantes mostrou algumas disparidades em relação aos contextos de ocorrência.

4.2 . Correspondência Inter-variantes de segmentos.

Os segmentos correspondidos são captados num contexto idêntico em cada variante. Os números indicam as palavras (cf. nos anexos) em que os segmentos ocorrem; e as lacunas (--) indicam a inexistência da correspondência ou do segmento.

QUADRO 1: Correspondência Inter-variantes de segmentos.

Seg.	exemplos	Emakh.	Enah.	Elom.	Emarr.
1. [p]	2, 29, 39, 41	[p]	[p]	[p]	[p]
2. [p ^h]	14. 90	[p ^h]	[p ^h]	[p ^h]	[p ^h]
3. [t]	32, 62, 90	[t]	[t]	[t]	[t]
4. [t ^h]	3, 13	[t ^h]	[t ^h]	[t ^h]	[t ^h]
5. [t̥]	23, 35, 101	[t̥]	[t̥]	---	[t̥]
6. [t̥ ^h]	63, 112, 178	[t̥ ^h]	[t̥ ^h]	---	[t̥ ^h]
7. [k]	25, 37, 77, 91	[k]	[k]	[k]	[k]

8. [k ^h]	30, 61, 73	[k ^h]	[k ^h]	[k ^h]	[k ^h]
9. [f]	261, 262	[f]	[f]	---	---
10. [v]	84, 155	[v]	[v]	[v]	[v]
11. [s]	67, 58, 131	[s]	---	---	---
12. [ʃ]	22, 75	[ʃ]	[ʃ]	---	---
13. [h]	41, 84, 188	[h]	[h]	[h]	[h]
14. [h]	18, 54, 58	---	---	---	[h̃]
15. [ʔ]	58, 67, 123, 132	---	---	---	[ʔ]
16. [ʒ]	115	---	[ʒ]	---	---
17. [t ^s]	58, 67, 123, 145	---	[t ^s]~[z]	---	---
18. [tʃ]	89, 194, 235	[tʃ]	[tʃ]	[tʃ]	[tʃ]
19. [tʃ ^h]	1, 178, 209, 233	----	----	[tʃ ^h]	----
20. [m]	9, 35, 47, 52	[m]	[m]	[m]	[m]
21. [n]	13, 17, 19, 21, 30	[n]	[n]	[n]	[n]
22. [ŋ]	19, 32, 39, 63	[ŋ]	[ŋ]	[ŋ]	[ŋ]
23. [ɲ]	97, 197	[ɲ]	[ɲ]	[ɲ]	[ɲ]
24. [ŋ]	31	---	---	[ŋ]	---
25. [l]	19, 23, 29, 62, 95	[l]	[l]	[l]	[l]
26. [ʎ]	194	[ʎ]	---	[ʎ]	---
27. [ʎ]	122, 195, 196	[ʎ]	[ʎ]	[ʎ]	[ʎ]
28. [r]	9, 25, 39, 51, 84	[r]	[r]	[r]	[r]
29. [w]	6, 78, 79, 94, 104	[w]	[w]	[w]	[w]
30. [j]	129	[j]	[j]	[j]	[j]
31. [a]	3, 32, 40, 47	[a]	[a]	[a]	[a]
32. [e]	23, 25, 62, 85, 90	[e]	[e]	[e]	[e]
33. [ɛ]	varia c/ [e]	[ɛ]	[ɛ]	[ɛ]	[ɛ]
34. [i]	73, 80, 102, 122	[i]	[i]	[i]	[i]
35. [u]	9, 14, 19, 23	[u]	[u]	[u]	[u]
36. [o]	130, 132, 147,	[o]	[o]	[o]	[o]

37. [ɔ]	15,17,72,104	[ɔ]	[ɔ]	[ɔ]	[ɔ]
38. [a:]	47,61,67	[a:]	[a:]	[a:]	[a:]
39. [ɛ:]	125,132	[ɛ:]	[ɛ:]	[ɛ:]	[ɛ:]
40. [i:]	13,17,75,143	[i:]	[i:]	[i:]	[i:]
41. [u:]	ocorre em contextos diversos, sem correspondência				
42. [ɔ:]	74,89,202	[ɔ:]	[ɔ:]	[ɔ:]	[ɔ:]

4.2.1. Segmentos Regulares e Uniformes

Tendo-se estabelecido que as correspondências são captadas em contextos idênticos, o quadro acima clarifica, por um lado, evidências de correspondências regulares uniformes, isto é, que não resultam da modificação do segmento, e as correspondências regulares não-uniformes por alteração do segmento e mudança do ponto de articulação que, como se virá adiante, se verificam nos espaços onde há lacunas neste quadro. Assim, atendendo e considerando a relevância contrastiva dos segmentos nas variantes, captada pela análise fonémica anteriormente feita, neste caso, o som regular e uniforme pode ser candidato ao lugar de fonema comum na "proto-matriz". Os sons que, apesar de se corresponderem regular e uniformemente, são do nível fonético, não serão candidatos ao fonema, e merecerão um tratamento particular.

Portanto, os segmentos preliminares para a matriz fonológica final são os seguintes (os números correspondem à ordem estabelecida no Quadro 1):

1. /p/, 2. /p^h/, 3. /t/, 4. /t^h/, 7. /k/, 8. /k^h/, 10. /v/,
11. /s/, 20. /m/, 22. /n/, 23. /p/, 26. /l/, 28. /r/,
31. /a/, 32. /e/, 34. /i/, 35. /u/, 36. /o/.

advertising

Em diante, concentrarêmo-nos na análise de outros tipos de correspondências que não foram incluídos neste primeiro apuramento. Assim, faremos a abordagem das correspondências que envolvem mudança de sons variações contextuais ou distribuições complementares e, por último, da duração vocálica.

4.2.2. Correspondências Inter-variantes de Segmentos Especiais

Nesta secção pretende-se mostrar e analisar o comportamento de alguns segmentos consonânticos que não foram previamente estabelecidos como fonemas na primeira parte deste capítulo.

Ao se observar o quadro geral das correspondências anteriormente estabelecido, pode-se notar que certos sons consonânticos aparecem sem a devida correspondência noutras variantes. Tais casos são identificados, no quadro, por meio de lacunas. Contudo, as lacunas, muitas vezes, não significam uma absoluta ausência de som correspondente, mas sim, que a correspondência se processa de uma forma regular caracterizando modificações formais e acústicas dos segmentos; ou, por outro lado, porque, apesar dos segmentos ocorrerem nas variantes, não foi possível captá-los no mesmo contexto que nas outras variantes. Os segmentos que se encontram nesta situação são:

Quarta

[ɮ], [ɮ^h], [f], [s], [ʃ], [t^s], [tʃ^h], [ŋ], [h], [l], [v], [ð] e [j]. Observem-se os dados de tais segmentos especiais no quadro a seguir:

43.

Correspondências dos Segmentos Especiais

	eMakhuwa	eNahara	eLomwe	eMarrevoni	Port.
1a.	[e'ʌuli]	[e'ʌuli]	[e'tʃuli]	[e'ʌuli]	'costas'
b.	['mwɛʌɔ]	['mwɛʌɔ]	['mwɛtʃɔ]	['mwɛʌɔ]	'perna'
c.	[e'maʌa]	[e'maʌa]	[e'matʃa]	[e'maʌa]	'machamba'
2a.	[muʌhu]	[n'ʌhu]	[mu'tʃhu]	[n'ʌhu]	'pessoa'
b.	[e'ʌheku]	[e'pʰɛyɔ]	[e'tʃheku]	[e'ʌheku]	'vento'
c.	[kʰi'veʌhu]	[kʰe:ʌhu]	[he:tʃhu]	?	'zero'
3a.	[no:tʃe]	[no:tʃe]	[no:tʃe]	[no:tʃe]	'ovo'
b.	[o'patʃeʌja]	[o'patʃeʌja]	[o'patʃeʌja]	[o'patʃeʌja]	'começar'
4a.	['sa:na]	['sa:na]	['sa:na]	[sa:na]	'bem'
b.	[e'sene]	[eseɛɛ]	-----	-----	'saliva'
c.	[esa'pala]	-----	-----	[eʃa'pala]	'pele'
5a.	[mu'husi]	[n'hut ^s i]	-----	[n'huʒi]	'caril'
b.	['ma:si]	['ma:t ^s i]	['ma:hi]	['ma:ʒi]	'água'
c.	[o' rusa]	[o' rut ^s a]	[o' rusa]	[o' ruʒa]	'mijar'
d.	[n'sina]	[n't ^s ina]	[n'sina]	[n'ʒina]	'nome'
6a.	[e'ʃikɔ]	[e'ʃikɔ]	[e'sikɔ]	[e'sikɔ]	'pescoço'
b.	['mwi:ʃi]	['mwi:ʃi]	['mwi:ʃi]	['mwi:si]	'fumo'
c.	[o'venʃa]	[o'venʃa]	[o'vensa]	[o'vensa]	'levantar'
7a.	['hapa]	['hapa]	['hapa]	[na'hapa]	'fígado'
b.	['havaʃa]	[havaʃa]	[havaʃa]	[havaʃa]	'leopardo'
c.	['hijo]	['hijo]	['hijo]	['hijo]	'nós'
d.	[o'hinini]	[o'hinini]	[o'hinini]	[o'hinini]	'gengiva'
e.	[mu'hima]	[n'hima]	[a'himahu]	[mu'hima]	'irmão'
f.	[mu'husi]	[n'hut ^s i]	-----	[n'huʒi]	'caril'
8a.	[n'lumi]	[n'lumi]	[n'lumi]	[n'lumi]	'língua'
b.	[mu'lamu]	[n'lamu]	[a'mulamu]	[n'lamu]	'cunhado'

c.	[ni'pɛlɛ]	[ni'pɛlɛ]	[ni'pɛlɛ]	[ni'pɛlɛ]	'seio'
d.	[o'vela]	[o'vela]	[o'vela]	[o'veða]	'cansar'
9a.	[o'hiju]	[o'hiju]	[o'hiju]	[o'hiju]	'noite'
b.	['ije]	['ije]	[ihe]	[iðɛ]	'aquelas'
10a	[o'faɪ]	[o'faɪ]	----	?	'prestar'
b.	['funti]	['funti]	?	?	'mestre'
c.	-----	-----	-----	[o'fula]	'lavar'
11.	[ŋ'kʰɔʝ]	[ŋ'kʰɔʝ]	[ŋ'kʰɔʝ]	[ŋ'kʰɔʝ]	'corda'
12a.	['havara]	['havara]	['havara]	['havara]	'leaopardo'
b.	['va]	['va]	['va]	['va]	'aqui'
c.	[ɔ'vja]	[ɔ'vja]	[ɔ'sja]	[ɔ'vja]	'queimar-se'
13.	[ɔ'ʌa]	[ɔ't/a]	[ɔ'tʃa]	[ɔ'tʃa]	'comer'

Nos dados acima, existem segmentos que, de acordo com o grau de recorrência nas variantes, podem ser designados marginais. Tais são os casos de 10.[f] e 11.[ŋ]. O [f] pode ser considerado marginal no contexto do universo dos sistemas fonológico das variantes em comparação, por que, apesar de ser identificado no emakhuwa e no enahara, aparece poucas vezes no emarrevoni e nenhuma vez no elomwe. Quanto ao segmento [ŋ], fonologicamente é um segmento marginal, mas foneticamente é predizível no contexto antes de velares. Contudo, ele representa duas entradas lexicais, nomeadamente, [ŋ'wɔnɔ] 'braço', no elomwe, e [ɔ'ŋõŋa] 'resonar, no emakhuwa. o [f], também, representa entradas lexicais partilares. Por causa desta particularidade linguística, podemos considerá-los fonemas, com o mesmo tratamento que os outros.

As lacunas identificadas nos dados acima significam que as formas subjacente e fonética da palavra em correspondência são diferentes. Por exemplo, nas colunas do elomwe e emarevoni a

palavra para 'saliva' é [ma:ra], para ambas as variantes; as representações para a palavra 'pele' em enahara e elomwe são [ɛka tʰakʰa] e [n'rapala], respectivamente e, 'caril', em lomwe, é [matʰa:pa]. Dados os objectivos do presente estudo, não nos vamos preocupar com as variações de vocabulários ora mencionadas. Sendo assim, o trabalho a seguir será verificar e analisar os segmentos especiais previamente fornecidos nas representações fonéticas quase idênticas. Considere-se, então, o quadro que se segue: *aduanag fub!*

44.

QUADRO 2: Correspondências dos segmentos de 43

	eMakhuwa	eNahara	eLomwe	eMarrevoni
1a-b)	[t̥]	[t̥]	[tʃ]	[t̥]
2a-b)	[t̥ʰ]	[t̥ʰ]	[tʃʰ]	[t̥ʰ]
3a-b)	[tʃ]	[tʃ]	[tʃ]	[tʃ]
4a/c)	[s]	[s]	[s]	[s]
5a-b)	[s]	[tʰ]~[z]	[s]	[∅]
6a/c)	[ʃ]	[ʃ]	[s]	[s]
b)	[ʃ]	[ʃ]	[ʃ]	[s]
7a-c)	[h]	[h]	[h]	[h]
d-f)	[h]	[h]	[h]	[h̥]
8a-c)	[l]	[l]	[l]	[l]
d)	[l]	[l]	[l]	[∅]
9 -a)	[j]	[j]	[j]	[∅]
-b)	[j]	[j]	[h]	[∅]
12a-b)	[v]	[v]	[v]	[v]
-c)	[v]	[v]	[s]	[v]
13-a)	[ʌ]	[tʃ]	[ʌ]	[tʃ]

No presente quadro, podem-se ver três tipos de correspondências entre os segmentos, a saber, i) segmentos que se correspondem regular e uniformemente, ii) os mesmos segmentos de i), correspondem-se regularmente, mas não uniformemente e iii) segmentos cujas correspondências são regulares e, somente, não uniformes; pelo menos, mudam numa variante.

i) casos de: 3a-b).[tʃ], 4a-c).[s], 7a-c).[h], 8a-c).[l],

9a).[j], 12a-b).[v]

ii) casos de: 5a-c).[s], 7d-f).[h], 8d).[l], 9b).[j] e 12c).[v]

iii) casos de: 1a-c).[ʃ], 2a-c) [ʃh], 6a-c) [ʃ] e 13a) [ʌ]

Os casos i) junto com os segmentos fonémicos estabelecidos no ponto 4.2.1 deste capítulo caracterizam o fenómeno do **continuum linguístico**, fonológico, inter-variantes. Isto explica-se pelo facto de que apesar de as variantes possuírem certos segmentos peculiares, tal facto não significa uma quebra total (mudança absoluta do sistema fonológico) com a super-estrutura. Daí a razão da co-existência dos fenómenos i) e ii). De facto, a evidência simultânea de i) e ii), como um dos resultados deste estudo comparativo, demonstra que, empiricamente, não existem 'linhas de divisão entre variantes, porém cada variante representa uma pequena diferença em relação a outra'.

Sendo assim, os casos ii) e iii) identificam as especificidades segmentais intra-variantes, isto é, **padrões regionais** das variantes em estudo. São estes padrões regionais que se devem reflectir na nossa 'proto-matriz' fonológica.

Se se entender perfeitamente o que se passa nos fenómenos i)-iii), pode-se acreditar que "dialect then is really nothing more

than a point of intersection of dialectal components contributed from all directions simultaneously" - Lord (1966:40) Esta observação sustentá-se pelo facto de as variantes misturarem os elementos numa ordem quase inexplicável, por exemplo, a presença de um elemento "X" não significa o não uso de um outro elemento "Y" identificado noutra variante, ainda que este possa ter restrições contextuais.

No caso concreto deste estudo, os segmentos mencionados em i)-iii) são os que se situam nos pontos de intersecção e correspondem às contribuições fonológicas apreendidas nas quatro direcções. A figura que se segue ilustra este fenómeno: *adara a-y lahel*

45.

Fig. nº 2: Segmentos dos Pontos de Intersecção.

	<u>C₁</u>	<u>C₂</u>	<u>C₃</u>	<u>C₄</u>	<u>C₅</u>	<u>C₆</u>	<u>C₇</u>	<u>C₈</u>	<u>C₉</u>	<u>C₁₀</u>
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
emakhuwa	[t̃]	[t̃h]	[s]	[ʃ]	[h]	[l]	[j]	[v]	[^]	[s]
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
enahara	[t̃]	[t̃h]	[t ^s]	[ʃ]	[h]	[l]	[j]	[v]	[tʃ]	[t ^s]
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
elouwe	[tʃ]	[tʃh]	[s]	[s]	[h]	[l]	[h]	[s]	[tʃ]	[h]
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
emarrevoni	[t̃]	[t̃h]	[ø]	[s]	[h]	[ø]	[ø]	[v]	[tʃ]	[ø]
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓

C₁ C₂ C₃ C₄ C₅ C₆ C₇ C₈ C₉ C₁₀
LÍNGUA MAKUA (EMAKHUWA)

. C₁, C₂, ..., são as componentes nos pontos de intersecção, sentido vertical, direcção de cima para baixo.

. C₁, C₂, ..., são as macro-componentes a serem reconstituídas e que reflectem as micro-componentes nos pontos de intersecção.

. as macro-componentes estão localizadas na língua 'franca', representada no rectângulo por LÍNGUA MAKUA (EMAKHUWA).

A Fig. 2 mostra as micro-componentes dispostas nos pontos de intersecção, representando, assim, o material de entrada

analítica, por forma, a tornar possível a reconstituição das macro-componentes que justifiquem cada sentido na direcção das diferenças. A reconstituição da macro-componente (ou "proto-fonema") é dependente do tipo de mudanças que se operam a nível da direcção e sentido por ela controladas. Isto significa, a necessidade de uma explicação dentro dos universais de mudança de sons que motive o estabelecimento de um determinado segmento como "proto-fonema". Para a presente análise, o segmento que for recorrente em três variantes, tomar-se-á, também, como a forma fonológica normal nesse sentido, ainda que as motivações linguísticas se mostrem fracas. A seguir apresentamos a reconstituição dos "proto-fonemas". *advce-g*

1. Para as componentes das direcções c_1 e c_2 , há que considerar as mudanças de todas as retroflexas (plena e aspirada) para as africadas (simples e aspirada) no elomwe. É passivo estabelecer as retroflexas como "proto-fonemas", e activar uma regra que as neutraliza para africadas no contexto antes da vogal, no elomwe. Este tipo de regra é mais natural do que a que se activaria se fosse ao contrário. Atendendo que o fenómeno de mudança é regular e sistemático, então, a "africadização" das retroflexas é uma das marcas fonológicas do elomwe (e outras variantes a ela aparentada).

2. Para c_3 , é preciso considerar que a) $[t^s]$ varia livremente no nível fonético com $[z]$, b) o registo de $[t^s]$ ou $[z]$ é uma questão estilística, c) dito isto, todos os segmentos de c_3 são fricativos, onde d) $[s]$ e $[\theta]$ diferem em traços de ponto de articulação e de sonoridade, o primeiro é alveolar surdo e o segundo é interdental sonoro; e) $[s]$ e $[z]$ apenas diferem no traços de sonoridade, ambos

são alveolares e o último é sonoro; f) [z] e [ʒ] diferem no ponto de articulação, ambos são sonoros e o último é interdental.

Dadas estas considerações, o que pouco se distancia dos dois segmentos ([s] e [ʒ]) é o segmento [z]. Este pode ser o "proto-fonema" dessa direcção. A mudança de um segmento cujo ponto de articulação é alveolar ou dento-alveolar é previsível, em termos de universais fonológicos. A mudança de sonoridade de segmentos verifica-se em muitas línguas do mundo, sobretudo, para o ensurdecimento.

No entanto, o "proto-fonema" /z/ co-ocorre com a sua contraparte surda /s/ no sistema em reconstituição, por isso, é necessário fixar os contextos de ocorrência de modo a evitar o uso aletório, isto é, na ortografia é necessários que os símbolos de /s/ e /z/ tenham contextos complementares. Esses contextos serão herdados do enhara e/ou emarrevoni.

3. Sobre as componentes c_4 , as variantes aos pares permutam-se regular e sistematicamente. Se no emakhuwa e enahara ocorre [ʃ] no elomwe e emarrevoni ocorre [s]. Outras instâncias, pode acontecer que o [ʃ] ocorra no emakhuwa, enahara e elomwe e se mude no emarrevoni, (cf.43.6b). Este fenómeno retringe-se a certos contextos. Daí, pode este ser considerado um caso específico.

Considerando que [s] existe no sistema fonológico em reconstituição e o segmento [ʃ] representa entradas lexicais isoladas, então, este último pode ser candidato ao lugar de "proto-fonema", nessa direcção.

4. Em c_5 , a fricativa glotal sonora do emarrevoni não é contrastiva, o seu uso é análogo ao uso de [ts] e [z] no enahara.

Por isso, vamos estabelecer a fricativa glotal surda que ocorre nas três variantes como "proto-fonema", daquele sentido.

5. Nas componentes em C_6 , C_7 , C_8 , C_{10} , as mudanças nelas envolvidas são complicadas, remetem para as especificidades das variantes. Por isso, não são objecto de reflexão.

6. Em C_9 , pode observar-se que, em três variantes, ocorre a africada alveopalatal, excepto no emakhuwa onde ocorre a lateral palatal. Nós consideraremos que o segmento normal para este sentido é a africada alveopalatal e, por isso, é candidata ao lugar de "proto-fonema". A evidência de uma lateral palatal no emakhuwa naquela direcção pode ser interpretado como sendo especificidade da variante.

Sumarizando:

46.

$C_1 = /t/$

$C_6 = ?$

$C_2 = /t^h/$

$C_7 = ?$

$C_3 = /z/$

$C_8 = ?$

$C_4 = /s/$

$C_9 = /tʃ/$

$C_5 = /h/$

$C_{10} = ?$

Designamos mudanças *idiossincráticas* a todas as correspondências que envolvem alterações de segmentos ao longo das variantes sem ordem explícita. Algumas mudanças são simétricas outras assimétricas.

47.

a) mudanças simétricas: veja-se o comportamento do [s] e [ʃ] no emakhuwa e enahara em relação ao emarrevoni e elomwe.

Emakh.	Enah.	Elom.	Emar.	Port:
e'si:(i	e'si:(i	-----	e'ʃi:(i	'segredo'
esa'pala	esa'pala	-----	e a'pala	'pele'
eʃikɔ	eʃikɔ	e'sikɔ	e'sikɔ	'pescoço'
e'ʃifi	e'ʃifi	e'sifi	e'sifi	'parede'

b) mudanças assimétricas: veja-se o comportamento de [s], [l] e [j].

i. [s] muda para [h]

Emakh.	Elom.	Port.
e'mosa.	e'emoha	'um'
ma:si	ma:hi	'água'

ii. [v] passa para [s]

Emakh.	Enah.	Elom.	Emar.	Port.
o'vja	o'vja	o'sja	o'vja	'queimar-se'

iii. [∅] do emarrevoni pode corresponder ao [s], [l] e [j] do emakhuwa e enahara.

Makua-Nahara	Emarrevoni	Port.
ijɛ	i∅ɛ	'aquelas'
ɔ'vɛla	ɔ'vɛ∅a	'cansar-se'
e'mɔsa/e'mot ^s a	e'mɔ∅a	'um'

iv. [j] pode corresponder ao [h] e [∅].

Makua-Nahara	Lomwe	Emarrevoni	Port.
ijɛ	ihɛ	i∅ɛ	'aquelas'

Estas mudanças que se procedem de uma forma arbitrária podem ser consideradas como sendo especificidades linguísticas de cada variante ("linguistic variant specificity"), e são o primórdio do embrião da ininteligibilidade mútua. Com o efeito, torna-se lógico inferir que o conjunto daqueles fenómenos mais a especificidade de cada variante no sotaque, padrões de tonalidade, "stress", e incluindo outros níveis da gramática, identificam (ou definem), em termos linguísticos, uma variante. Portanto, o termo *língua*, ao se aplicar ao **EMAKHUWA**, incorpora um número considerável de diversas variantes, pessoais (idiolectos) ou comunitárias (sociolectos e dialectos), e todos os traços partilhados em ambas as direcções que fazem com que todas as variedades do **EMAKHUWA** sejam diferentes de, por exemplo, Cinyanja ou Cisena.

4.3. Sobre a Variação Contextual

4.3.1. Da Nasal silábica e Não Silábica

repetida
O Quadro 1, no ponto 4.2, mostra a ocorrência da nasal silábica em todas as variantes, o que implica que esta existe no universo em estudo. Mesmo assim, não foi incluída no apuramento inicial acima, porque se pretende mostrar a sua afinidade com a nasal flutuante e com os processos morfofonémicos e, a partir daí, determinar-se a sua natureza, isto é, se é ou não predizível.

A ocorrência da nasal silábica estabelece uma relação de distribuição complementar contextual com a nasal flutuante [m] ou [n]. Observem-se os exemplos abaixo: *manakad*

48.

	eMak ^h uwa	eNahara	eLomwe	emarrevoni	Port.
a)	[ni:hi]	[ni:hi]	[ni:hi]	[ni:hi]	'cabelo'
	[mu't ^h u]	[n't ^h u]	[mu't ^h u]	[n't ^h u]	'pessoa'
	['ma:si]	['ma:t ^s i]	['ma:hi]	[ma:si]	'água'
	[em'pa]	[em'pa]	[em'pa]	[em'pa]	'casa'
	[mɔ:nɔ]	[mɔ:nɔ]	[ŋ'wɔnɔ]	[mɔ:nɔ]	'braço'
	[o'nana]	[o'nana]	[o'nana]	[o'nana]	'molharse'
b)	[m'pa]	[m'pa]	[m'pa]	[m'pa]	'dentro de casa'
	[n'na ^w]	[n'na ^w]	[n'na ^w]	[n'na ^w]	'pé'
	[n'lumi]	[n'lumi]	[n'lumi]	[n'lumi]	'língua'
	[n'tata]	[n'tata]	[n'tata]	[n'tata]	'mão'
	[ŋ'k ^h ɔj]	[ŋ'k ^h ɔj]	-----	[ŋ'k ^h ɔj]	'corda'
	[n'rupɔ]	[n'rupɔ]	[n'rupɔ]	[n'rupɔ]	'intestino'
	[n'sasu]	-----	[n'sasu]	[n'ɔa ^u]	'pulmão'
	[n'paka]	[n'paka]	[n'paka]	[n'paka]	'chifre'
	[n't ^h ɔna]	[n't ^h anana]	[n't ^h ɔna]	[n't ^h ɔna]	'sede'

Os exemplos 48.a) e b) mostram a relação de distribuição contextual da ocorrência da nasal silábica com a nasal flutuante. Em 48.b), nota-se que em posição inicial da palavra, no contexto antes de uma consoante, a nasal é sempre silábica, ao contrário do que se pode verificar em 48.a), onde a nasal é flutuante se estiver no início da palavra mas sempre seguida de uma vogal. Outra constatação, é que a nasal flutuante pode ocorrer noutros contextos (48.a), que não os de 48b). A forma da nasal silábica, se [ɲ] ou se [ŋ], ou se [ɳ], depende do segmento consonântico a seguir dela. Portanto, a nasal silábica toma as forma [ɲ], antes das consoantes coronais,

[m] antes das consoantes labiais e [ŋ] antes da velar (cf. exemplos 48.b).

A natureza da nasal silábica na língua Makua pode ser descrita sob ponto de vista da relação da estrutura subjacente e de superfície com a nasal flutuante. Com isto, pretende-se dizer que a nasal silábica é regida por regras morfofonológicas e fonológicas que operam na estrutura subjacente. Considerem-se as seguintes representações subjacentes (ou forma de base (FB) e de superfície (FS):

adavany labeli

49.

a) Forma de Base	b) Forma de Superf.	
/mu-k ^h oi/	[ŋ'k ^h ɔj]	'corda'
/mu-pa(ni)/	[m'pa:(ni)]	'dentro de casa'
/ni-nau/	[n'na ^w]	'pé'
/ni-lumi/	[n'lumi]	'língua'
/ni-t ^h ona/	[n't ^h ɔna]	'sede'

Nas formas de base 49.a), observam-se dois tipos de prefixos /mu-/ e /ni-/, eles são prefixos nominais das classes nominais 3 e 5, respectivamente. Em 49.a), eles estão, realmente, representados na sua forma básica, pois outras realizações, alomorfos, são evidentes em 49.b). Em princípio, todos os nomes destas classes são representados, na sua forma de base, com aqueles prefixos, excepto os que se realizam com o prefixo de morfema zero. No entanto, a questão é procurar explicar a via através da qual se obtém a nasal silábica pelo prefixo nominal de alguns nomes, na realização fonética, sabendo que, outras formas mantêm o prefixo da forma de base na forma fonética. Como por exemplo, /nivaka/ realiza-se

[ni'vaka] "zagaia". Essa explicação pode ser obtida pela descrição, por meio de regras dos processos fonológicos circunscritos no fenómeno de 49.a) para b).

Primeiro, ocorre o processo de elisão da vogal [u] ou [i] no contexto de fronteira morfé mica. Logo após a elisão da vogal, núcleo da sílaba anterior, a nasal flutuante desempenha a função silábica. A elisão da vogal imediatiza a 'silabização' ("silabification") da nasal. Por último, seguem os processos de assimilação motivados pelo contexto. Exemplificando fica: *Um...*

50.

a)	elisão		assimilação
	(i)	(ii)	(iii)
	/mupa/	----- m'pa	----- [m'pa] 'dentro de casa'
	/muk ^h oi/	----- n'khoi	----- [n'k ^h ɔj] 'corda,
	/ninau/	----- n'nau	----- [n'na ^w] 'pé'
	/muteko/	----- m'teko	----- [n'tɛko] 'trabalho'

Em 50a) temos em (i), a representação subjacente, (iii) a representação fonética e (ii) e o estado intermediário em que, por causa dos processos morfofonológicos, se observa a queda da vogal, e a nasal desempenha a função silábica. Em (i), identificamos dois tipos de nasais, labial e alveolar, são as únicas que dão os resultados em (iii). Todo o fenómeno de 50a) pode ser formalizado da seguinte maneira:

51. Formalização das Regras.

Regra 1: Elisão das Vogais /i/, /u/

a) Formalização inicial

$$V \text{ -----} \rightarrow 0 / C[+nas] \text{---+ CV}$$

Dado que não são quaisquer consoantes [+nas] nem quaisquer vogais que intervêm na regra 51a) (cf. 50a)), é relevante especificar as anotações V e C[+nas]. Então, obtem-se:

b) versão final de 51a)

$$\left[\begin{array}{l} +sil \\ +alt \end{array} \right] \longrightarrow 0 / C \left[\begin{array}{l} +nas \\ +ant \end{array} \right] \text{ --- } \left[\begin{array}{l} +Inf \\ Morf. \end{array} \right]$$

Conforme dissemos, depois da queda da vogal que resulta dos processos morfofonológicos, logo, a nasal desempenha a função silábica e, daí, o processo fonológico de assimilação do traço [+nasal] pela consoante seguinte. Esta é a regra de **pré-nasalização**, e pode ser formalizada como se segue:

Regra 2: assimilação traço [+nasal] pela consoante

a) pré-nasalização da consoante

$$C \text{ -----} \rightarrow {}^N C / C[+nas] + \text{ ---}$$
Regra 3: assimilação do ponto de articulação pela nasal

$$C \left[\begin{array}{l} +nas \end{array} \right] \text{ -----} \rightarrow C \left[\begin{array}{l} +\alpha \text{ ant} \\ +\beta \text{ cor} \\ +\gamma \text{ rec} \end{array} \right] / \text{ -----} C \left[\begin{array}{l} +\alpha \text{ ant} \\ +\beta \text{ cor} \\ +\gamma \text{ rec} \end{array} \right]$$



4.3.2. Das Semi-vogais e Vogais

O segundo caso de variação contextual verifica-se entre os segmentos [u] e [w], e entre os segmentos [i] e [j]. A recor-rência destes segmentos no léxico estabelece-se em termos de distribuição complementar, sendo que a realização fonética de um é predizível pelo contexto. Observemos os seguintes exemplos ilustrativos:

52. distribuição complementar de [u] e [w]

	eMakhuwa	eNahara	elomwe	eMarrevoni	Port.
a)	[ɔ'pweʃa]	[ɔ'pweʃa]	[ɔ'pweʃa]	[ɔ'pweʃa]	'partir'
	[ɛ'nɔwa]	[ɛ'nɔwa]	[ɛ'nɔwa]	[ɛ'nɔwa]	'cobra'
	[ɔ'k ^h wa]	[ɔ'k ^h wa]	[ɔ'k ^h wa]	[ɔ'k ^h wa]	'morrer'
	['mweʃɔ]	['mweʃɔ]	['mwetʃɔ]	['mweʃɔ]	'perna'
	[ɔ'kwesa]	-----	[ɔ'kwesa]	[ɔ'kwesa]	'limpar'
	['mwa:na]	['mwa:na]	[mwa:na]	['mwa:'na]	'criança'
	[ɔ'p ^h wana]	[ɔ'p ^h wana]	[ɔ'p ^h wana]	[ɔ'p ^h wana]	'obter'
b)	[mu'hali]	[n'hali]	[mu'hali]	[n'hali]	'cana-de-açucar'
	[ɔ'kumi]	[ɔ'kumi]	[ɔ'kumi]	[ɔ'kumi]	'saúde'
	[ɛ'pula]	[ɛ'pula]	[ɛ'pula]	[ɛ'pula]	'chuva'
	[ɛ'p ^h ula]	[ɛ'p ^h ula]	[ɛ'p ^h ula]	[ɛ'p ^h ula]	'nariz'

De a) para b) podem-se apreender os contextos em que ocorrem os segmentos [u] e [w]. Esses contextos são diferentes e se distribuem complementarmente, a saber, no contexto antes de uma vogal se realiza o segmento [w], e noutros contextos se realiza o segmento [u]. Este tipo de distribuição complementar entre o segmento [u] e o segmento [w] também se verifica entre os segmentos [i] e [j]. Ora vejamos os seguintes dados:

53. distribuição complementar entre [i] e [j].

eMakhuwa	eNahara	eLomwe	eMarrevoni	Port.
a) [ɔ'vja]	[ɔ'vja]	[ɔ'sja]	[ɔ'vja]	'queimar-se'
[ɔ'hiju]	[ɔ'hiju]	[ɔ'hiju]	[ɔ'hiju]	'noite'
[mi'jalɔ]	[mijalɔ]	['nalɔ]	[mi'jalɔ]	'faca'
[mi'jakɔ]	[mi'jakɔ]	[mi'jakɔ]	[mi'jakɔ]	'montanhas'
[mu't ^h ijana]	[n't ^h ijana]	[mu't ^h ijana]	[n't ^h ijana]	'mulher'
b) [ɔ'hinini]	[ɔ'hinini]	[ɔ'hinini]	[ɔ'hinini]	'gengiva'
['maihi]	-----	['maihi]	['maihi]	'cabelos'
[ŋ'k ^h ɔj]	[ŋ'k ^h ɔj]	?	[ŋ'k ^h ɔj]	'corda'
['mainɔ]	-----	['mainɔ]	['mainɔ]	'dentes'
['ni:nɔ]	['ninɔ]	['ni:nɔ]	['ni:nɔ]	'dente'

De acordo com as evidências de 53.a) e b), existe motivação para afirmar que [i] e [j] ocorrem em distribuição complementar. Tal como o caso de [w], [j] realiza-se sempre no contexto antes da vogal (compare-se 53.a) com 53.b)).

O processo de semivocalização parece ser restrito a estas duas vogais. Assim, como constituem uma classe natural, podemos generalizar a descrição do processo por forma a permitir que a regra seja simplificada. Então, as vogais altas são semivocalizadas no contexto antes das vogais, incluindo elas próprias. A regra que relaciona o nível subjacente e o nível de superfície pode ser formalizada da seguinte maneira: *Luwara*

54

$$\begin{bmatrix} u \\ i \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} w \\ j \end{bmatrix} / \text{-----} +\text{sil}(V)$$

ou

┌ └

┌ └

$$\left[\begin{array}{l} +\text{sil} \\ +\text{alt} \end{array} \right] \longrightarrow \left[\begin{array}{l} -\text{sil} \end{array} \right] / \text{---} \left[+\text{sil} \right] (\text{V})$$

Esta regra não se aplica aos casos em que a sequência de segmentos vocálicos reflecte a duração vocálica. Isto porque a duração vocálica no Makua é contrastiva. Por exemplo, numa palavra cuja representação subjacente é /o'ruuua/ 'emergir' não pode esperar que a regra de semivocalização se aplique sobre as primeiras duas vogais que, nestes casos, constituem um núcleo silábico (pesado). Daí que, a vogal breve seja a que pode sofrer a acção da regra tendo como consequência a constituição de uma outra margem silábica cujo núcleo é [a]. Assim, a realização fonética daquela palavra representa-se [ɔ'ru:wa].

A conclusão que se obtem desta análise é que se foi capaz de demonstrar a irrelevância de certos sons no nível fonológico. Tais sons são confinados no nível fonéticos, e, dizem respeito a [w] e [j], portanto, alofones.

As vogais não-altas, na língua makua, são abertas. Não distinguem a interpretação semântica de qualquer entrada lexical. Por outras palavras, isto significa que /o/, /e/ e /a/ são sempre abertas na realização fonética. Isto contrasta com algumas transcrições nos nossos dados. O problema é que a abertura das vogais é mais nitida em posição final da palavra e com as consoantes retroflexas e aspiradas. Tomando isto como verdadeiro, então, podemos dizer que a língua tem cinco fonemas vocálicos, breves, a saber, /i/, /e/, /a/, /o/ e /u/, destes, /u/ e /i/ apresentam os alofones contextuais, [w] e [j], respectivamente.

4.4. A Glide e a Sequência das Vogais

No ponto 4.3.2., descrevemos demonstrativamente a distribuição complementar entre as glides e as vogais altas, o que nos permite concluir que as glides são segmentos do nível fonético e, portanto, alofones de cada vogal correspondente. Neste ponto, pretendemos mostrar algumas funções fonotáticas das glides em certas sequências de determinadas vogais.

A glide pode aparecer em posição final da palavra numa representação fonética como componente de um ditongo¹²), ou, pode aparecer em posição inter-vocálica como elemento harmonizante da ligação. Desta forma, a não sistematização destes fenómenos pode criar problemas quanto à interacção entre a 'silabacidade' ("silabacity") e a 'segmentação' ("segmentation") (Clark & Yallop, 1990).

A tendência de ligar as vogais adjacentes "via semi-vogal" verifica-se em algumas línguas do mundo, por exemplo no Inglês (cf. Clark and Yallop, 1990:109). Com efeito, existem evidências deste fenómeno no Makua. Entretanto, outras línguas ao invés de fazerem a ligação por este meio, desencadeiam a separação das vogais adjacentes; por exemplo, o Alemão separa as vogais adjacentes através da oclusiva glotal.

No Makua, a existência de contextos muito especiais, que não os exemplificados no ponto 4.3.2, onde a glide é identificada, pode ser consequência de a) um arranjo transicional, ou b) uma

¹². Os ditongos aparecem como uma outra instância de dois segmentos fonéticos funcionando como um único. Eles são duas vogais formando uma entidade singular e são análogos às africadas ou à prenasalização das oclusivas visto serem, também, considerados como segmentos únicos mas complexos. (cf. Clark and Yallop, 1990:107).

alternativa de transcrição de um ditongo, ou ainda, c) uma semivocalização de uma componente da duração vocálica "parcial" como consequência da vogal seguinte. Adiante fornecemos evidências e comentários sobre o assunto. *adava-ai-g*

55. a) Forma Base	b) Forma de Superfície
/ephau/	[ɛ'p ^h a ^w] 'buraco nos troncos'
/ep ^h aa ^w /	[ɛ'p ^h a: ^w] 'pão'
/nkhoi/	[ŋ'k ^h ɔj] 'corda'

Como se pode observar as últimas sequências de vogais em 55.a) têm as vogais altas transformadas em glides, 55.b). Os casos 55.b) levantam duas possibilidades de análise da glide final: se se tomar em conta que as glides são segmentos puramente fonéticos, em termos de segmentação, podemos considerar que as sequências finais [a^w] e [ɔ^j] são um único segmento complexo do respectivo caso, e que, a glide superescrita à vogal é uma alternativa de transcrever os ditongos em 55.a). Em consequência disto, em termos de silabacidade, assumiríamos, então, que as palavras, em 55., têm dois picos silábicos associados. A outra análise consiste em tomar as glides como segmentos fonológicos. Esta perspectiva cria embaraços quer para a segmentação quer para a silabacidade. Tal embaraço circunscreve-se na violação do padrão silábico (CV, CCV, ..) do makua, visto que, a glide ocuparia o "slot" C. Entretanto, o padrão fonotático do makua admite que as palavras sejam terminadas com um pico silábico.

Nós optamos pela primeira perspectiva.

A glide pode ser sentida em posição inter-vocálica das sequências de vogais, tais como /oa/, /ea/ ou /eo/ quer se localizem no início quer se localizem no fim da palavra.

56. a) Forma Base	b) Forma de Superfície
/enoa/	[ɛ'nɔ̃wa] 'cobra'
/otot ^h oa/	[ɔ'tɔ̃t ^h ɔ̃wa] 'derreter'
/oloa/	[ɔ,lɔ̃wa] 'fetiçar'
/oana/	[ɔ'wana] 'lutar'
/oaŋa/	[ɔ'wafa] 'vestir'
/nihoa/	[ni'hɔ̃wa] 'caça'
c)	d)
/eano/	[ɛ'janɔ̃] 'boca'
/ueano/	[wɛ'janɔ̃] 'tu mesmo'
/olelea/	[ɔ'lɛlɛ'ja] 'ser bem educado'
/oleelea/	[ɔ'lɛ:lɛ'ja] 'ser obdiente'
/op ^h uea/	[ɔ'p ^h wɛ'ja] 'partir-se'
/ueo/	[wɛ'ɔ̃] 'tu'
/eolia/	[ɛ'ɔ̃ʎa] 'comida'

Como se pode notar em 56. a) e c), todas as sequências de vogais ligam-se por via da glide na realização de superfície, 56.b) e d). Especificamente, 56.a) mostra que para todos os casos de /oa/ irrompe uma glide labial intrusa transicional (vide 56.b)), 56.c) mostra que para todos os casos de /ea/ e /eo/ irrompe uma glide palatal transicional (vide 56.d)).

A glide, também, pode aparecer na realização de superfície como reflexo da semivocalização da última componente da duração "parcial" das vogais altas.

57. a) Forma Base	b) Forma de Superfície
/puuo/	[p ^h uwɔ̃] 'você'
/ekuuo/	[k ^h uwɔ̃] 'capulana'

/ekuluue/	[ɛ'kuluwɛ] 'porco'
/ohuua/	[ɔ'huwa] 'criar'

c)	d)
/erriari/	[ɛ'rijaɾi] 'no meio'
/ohiiu/	[ɔ'hiju] 'noite'
/mialo/	['mijaɾɔ] 'facas'
/miiako/	['mijakɔ] 'montanhas'
/mut ^h iiana/	['mut ^h ijana] 'mulher'

Designamos as sequências de vogais em 57.a) e c) por "parciais", pelo facto de permitirem que o seu último membro possa ser semivocalizado, pois, também, a duração vocálica propriamente dita, fazendo parte de um único "slot" do pico silábico, não se deve quebrar.

Esta descrição permite apreender os vários contextos no nível fonológico que servem de fonte de glides para o nível fonético. Estas fontes são reconhecidas inconscientemente pelo falante nativo. Adicionalmente ao que fizemos na secção anterior, estes novos fenómenos podem ser sistematizados da seguinte maneira:

58.

i. vogal + glide: a sequência corresponde a uma transcrição de um ditongo (cf.55b);

ii. vogal + glide + vogal* (* diferente da alta) - vogal alta seguida da semi-vogal palatal [j], ou a vogal alta recuada seguida da semi-vogal velar [w] - a sequência pode ser analisada como uma duração vocálica "parcial" na estrutura subjacente (cf. 57.b) e d));

iii. vogal + glide + vogal - neste caso a glide é um segmento intruso transicional das sequências /oa/, /eo/ e /ea/. (cf. 56.b) e d)

A presente discussão a volta das glides, iniciada no ponto 4.3.2 e que agora culmina neste ponto, teve como propósito demonstrar que [w] e [j] são alofones de [u] e [i], respectivamente, exceptuam-se deste caso as intrusas que resultam da aplicação da "epêntese da glide". O processo fonológico que relaciona os dois níveis, fonético e fonológico, no primeiro caso mencionado, é o de semivocalização.

Chegados a este ponto pensamos que a atribuição de um símbolo ortográfico aos segmentos [w] e [j] deve ser fundamentado por outras motivações diferentes de fonológicas. Por exemplo, um aspecto que pode contribuir para tal atribuição pode ser a necessidade de um símbolo que permita, numa sequência de vogais altas, distinguir, ao nível da representação escrita, aquele que tem estatuto de núcleo silábico. Entretanto, mesmo aceitando o argumento acima, deparamo-nos com outra questão: é que as glides, muitas vezes, aparecem por aplicação de regras condicionadas por elementos envolvidos em determinados contextos, como por exemplo, os mencionados no ponto 4.4. Assim, a nossa proposta, para questões de ortografia, é que na representação de tais contextos não se tenham em conta as glides. Tal facto faria com que, por exemplo, o elemento /olowa/ fosse simplesmente representado /oloa/, pressupondo-se desta forma que /w/, que aparece de forma ligeira acusticamente, surge por causa da regra da "epêntese da glide", naquele contexto.

4.5. A Duração Vocálica na Língua Makua

Atrás, abordamos diferentes fenómenos relacionados com a glide, desde a distribuição complementar até ao seu estatuto de elemento de transição no contexto intervocálico de sequências de determinadas vogais. ~~Aqui~~, pretendemos, de forma breve, apresentar dois tipos de duração vocálica, a saber, subjacente e derivada, evidentes na língua makua. Esta apresentação dispensa os outros níveis de análise (p.ex., auto-segmental) que este assunto pode merecer. O objectivo, então, é provar que a nível segmental a duração vocálica é contrastiva. Contudo, considerando que a duração vocálica se evidencia nas variantes em estudo (cf. Quadro 1), as evidências não virão pela correspondência entre variantes.

A língua makua tem a duração vocálica subjacente contrastiva entre as cinco vogais, como mostram os exemplos:

59. Duração vocálica subjacente

a. [i]: /oriria/ 'afundar'	[ii]: /oriiria/ 'estar frio'
b. [u]: /orula/ 'despir'	[uu]: /oruula/ 'tirar algo dum liquido'
c. [ɛ]: /op ^h ela/ 'arrancar algo do chão'	[ɛɛ]: /op ^h eela/ 'procurar'
d. [ɔ]: /orora/ 'abafar-se'	[ɔɔ]: /oroora/ 'correr de perdiz'
e. [a] /omala/ 'acabar'	[aa]: /omaala/ 'ser calmo'

Duração Vocálica Derivada

Para além da duração vocálica subjacente, a duração vocálica no makua pode resultar de:

60. Duração Vocálica Derivada

a) elisão de uma vocal mais a duração compensatória

i.	[uu]: nuume	/ni-ume/	'sapo'
ii.	[ɛɛ]: neeku	/ni-eku/	'nuvem'
iii.	[ɔɔ]: moono	/mu-ono/	'braço'
vi.	[oo]: mooro	/mu-oro/	'fogo'
v.	[aa]: naakha	/ni-ak ^h a/	'um sal'

b) sequência de vogais

i.	[ii]: niino	/ni-ino/	'dente'
ii.	[aa]: maakha	/ma-ak ^h a/	'sal'

c) vogal glide com a duração compensatória

i.	[ii]: [mwi:fi]	/mu-i i/	'fumo'
ii.	[ee]: [mwɛ:fi]	/mu-eri/	'lua'
iii.	[oo]: [mjɔ:r]	/mi-oro/	'fogos'
iv.	[aa]: [mwa:na]	/mu-ana/	'criança'

d) "coalescence" de /a/ mais /i/ - evidências só no enahara.

i.	[ɛɛ]: meeno	/ma-ino/	'dentes'
----	-------------	----------	----------

Os exemplos acima levam-nos a concluir que, a nível da análise segmental, a duração vocálica no makua é de natureza fonémica e predizível. Assim, a favor da duração subjacente, é necessário que todas as vogais alongadas tenham um símbolo representativo, diferente do das breves, na ortografia.

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÕES

Tomando como evidências o resultado das descrições e a análise comparativa dos sistemas consonânticos das variantes, pode-se notar que há variantes com mais casos de variação regular e variantes com mais casos de variação irregular de sons. O primeiro caso diz respeito às mudanças de sons que se podem justificar segundo regras fonológicas naturais. O segundo caso, não respeita essa naturalidade de regras fonológicas. Este último caracteriza as especificidades linguísticas das variantes ("linguistic variant specificity"). A natureza de mudanças aí inerentes não é predizível. Por isso, os segmentos envolvidos neste fenômeno são elementos indiciantes da ininteligibilidade mútua, por conseguinte, este tipo de variação é de maior grau e não é relevante para o contexto de uniformização fonológica neste estudo. As variantes que manifestam esta característica são o elomwe e emarrevoni.

No elomwe, para além de as africadas corresponderem às retroflexas de outras variantes, nalgumas instâncias, a fricativa alveolar corresponde à fricativa alveopalatal, a glide palatal à fricativa glotal, a fricativa labiodental sonora à fricativa alveolar, a fricativa alveolar à fricativa glotal.

No emarrevoni, apesar de a fricativa interdental sonora fazer parte da correspondência regular com as fricativas alveolares, nalgumas instâncias, corresponde à lateral alveolar e à glide palatal.

Outras variantes desencadeiam este tipo de variações, mas com pequeno número de casos.

Portanto, a observância destes fenómenos permite-nos afirmar que o elomwe e emarrevoni se distanciam do emakhuwa e enahara. Responsabilizemos sobre este facto os factores de fronteiras naturais e a distância entre os centros de comunidade linguística das variantes.

Contudo, apesar das diferenças ora referidas, outra face do nosso estudo permite concluir que existe inteligibilidade mútua entre as variantes. Tal inteligibilidade caracteriza-se, por um lado, por um continuum dos segmentos fonológicos uniformes e, por outro, por um continuum de segmentos fonológicos alterados. Esse tipo de alteração é de menor grau, e é analisável por meio de regras fonológicas, por isso, reflecte-se na matriz fonológica proposta.

O primeiro tipo de continuum permite uma intercompreensão efectiva entre os falantes, dado que não altera a forma acústica e fonémica das entradas lexicais. O segundo tipo permite a intercompreensão entre falantes que exibam uma "competência sociolinguística", isto é, que tenham o conhecimento das regras fonológicas que desencadeiam a variação linguística regional. É este conhecimento que permite ao falante da língua makua dizer que o fulano fala emakhuwa, o beltrano enahara e o sincrano elomwe.

Quando iniciamos este estudo dissemos que o objectivo principal era " ... identificar os fonemas de cada variante e, pela verificação de como se correspondem, analisar o grau e a importância das variações com vista ao estabelecimento de uma matriz comum da língua, capaz de simbolizar uma ortografia, também, comum." Julgamos ter sido cumprido este propósito, por que, para além de análise do sistema consonântico, fizemos, de forma breve a descrição e análise das vogais breves e longas. É, também, neste

sentido que se pode afirmar que a nossa matriz reflecte as variações fonológicas identificadas. Mas, ela corresponde ao primeiro passo da uniformização que pretendemos, pois, o segundo é o de estabelecimento do alfabeto e a consequente sistematização da ortografia.

A essência de um sistema ortográfico é o princípio de sistematização dos critérios de combinação do alfabeto, de maneira que se constitua uma estrutura morfo-semântica de uma determinada língua. Subjacente a esses critérios está a assunção de que as variações fonéticas não são indicadas onde elas são predizíveis por uma regra geral. É nesta óptica que as glides, a nasal silábica e outros segmentos não constam da nossa matriz. Aliás, tal como Chomsky e Halle (1968:49) disseram, 'a ortografia é um sistema estabelecido com base nos leitores que conhecem a língua, que percebem as frases e, portanto, conhecem a estrutura de superfície das frases. Tais leitores podem produzir formas fonéticas e estrutura de superfície de uma entrada sintáctica correctas de uma representação ortográfica, por meio de regras que eles empregam na produção e interpretação da fala'. Portanto, o leitor nativo, porque está familiarizado com os processos fonológicos e morfofonológicos, pode relacionar uma determinada representação visual com os sinais acústicos, a ponto de evidenciar inconscientemente os fenómenos linguísticos subjacentes a essa representação visual. Por outro lado, um leitor aprendente de uma língua precisa, primeiro, de se familiarizar com o sistema fonológico para se realizar com felicidade na leitura da língua que aprende.

Finalmente, o estabelecimento de uma ortografia comum dá espaço à harmonia da língua no nível da escrita ignorando, assim,

as especificidades linguísticas nas variantes. Para este facto, Chomsky and Halle (1968:49) comentam que "It should also be observed that very different dialects may have the same or a very similar system of underlying representation. It is a widely confirmed empirical fact that underlying representations are fairly resistant to historical change, which tends, by and large, to involve late phonetic rules. (...), the same system of representation for underlying forms will be found over long stretches of space and time. Thus a conventional orthography may have a every long useful life, for a wide range of phonetically divergent dialects."

Ainda que este estudo se tenha caracterizado simples e modesto, dada a natureza dos objectivos delimitados e o problema de dados, que foram sempre insuficientes, julgamos ter contribuído com a ideia e princípio nele desejados. Todavia, gostaríamos de recomendar, aqui, para que se desenvolvam estudos do género, não só para a língua makua, mas também, para outras línguas Bantu faladas em Moçambique.

No âmbito do estudo que agora termina, reconhecemos ainda faltar muito por fazer. Nessa óptica, é necessário que se desenvolvam estudos quer retocando neste quer proseguindo outros com as outras variantes.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, F.M. Apontamentos da Língua Emacua. Lourenço Marques, Imprensa Nacional, 1933.
- CHAMBERS, J.K. e TRUDGILL, P. Dialectology. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- CHOMSKY, N. and HALLE, M. The Sound Pattern of English. London, Cambridge. The MIT Press, 1968.
- CLARK, J. & YALLOP, C. An Introduction to Phonetics and Phonology. Basil Blackwell, 1990.
- CRYSTAL, D. (1980). Dictionary of Linguistics and Phonetics. 3ª ed. Oxford, Blackwell, 1991.
- FONTAINE, J. O Círculo Linguístico de Braga. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1978.
- GOLDSMITH, J. (1976). Autosegmental Phonology. MIT, doctoral dissertation (published by Garland, New York, 1979)
- GUTHRIE, M. Comparative Bantu. Vol. I-V, London, 1967-1971.
- HARMS, R.T. Introduction to Phonological Theory. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1968.
- HARRIES, P. The Roots of Ethnicity in African Affairs....., 1988
- HYMAN, L. Phonology: theory and analysis. New York, Rinehart and Winston, 1975.
- INDE-UEM/NELIMO. Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. Maputo, Editora Escolar, 1989.
- JONES, D. (2nd ed.). The Phoneme: its nature and use. Cambridge, W. Heffer & Sons, 1960.

- KATAMBA, F. An Introduction to Phonology. Longman Group UK Limited, 1989.
- X
KATUPHA, J.M.M. "O Panorama Linguístico de Moçambique e a Contribuição de Linguística na Definição de Uma Política Linguística Apropriada". In ASSOCIAÇÃO DOS ESCRITORES DE MOÇAMBIQUE, Lua Nova: letras, artes & ideias, Maputo, 1985.
- KENSTOWICZ, M. and KISSEBERTH, C. Generative Phonology. New York, Academic Press, 1979.
- KINDELL, G.E. Guia de Análise Fonológica. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1981.
- LADEFOGED, P. Preliminaries to Linguistic Phonetics. Chicago, University of Chicago Press, 1971.
- LANGACKER, R.W. Language and Its Structure: some fundamental linguistic concepts. Harcourt, Brace & World, Inc., 1967-1968.
- LORD, R. Comparative Linguistics. London, The English University Press, Ltd, 1966.
- MATEUS, M.H.M. et al. Fonética, Fonologia e Morfologia do Português. Universidade Aberta, 1990.
- MATEUS, M.H.M. Aspectos da Fonologia Portuguesa. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.
- MATEUS, M.H.M. et al, Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa, Caminho (2ª ed), 1989.
- MEDEIROS, E. "Notas para um Ficheiro Bibliográfico das Línguas emakhuwa, elomwe e echuwabo de Moçambique". Maputo, Departamento de Antropologia, 1987.